

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**MÁRCIA APARECIDA CARDOSO RÉUS**

**ARTE, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO: UMA AVENTURA NO UNIVERSO DA  
CRIANÇA**

**CRICIÚMA - SC  
2014**

**MÁRCIA APARECIDA CARDOSO RÉUS**

**ARTE, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO: UMA AVENTURA NO UNIVERSO DA  
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. MSc. Aurélia Regina de Souza Honorato.

**CRICIÚMA - SC**

**2014**

**MÁRCIA APARECIDA CARDOSO RÉUS**

**ARTE, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO: UMA AVENTURA NO UNIVERSO DA  
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de Novembro de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. MSc. Aurélia Regina de Souza Honorato (UNESC) - Orientador

---

Prof. MSc. Silemar Maria de Medeiros da Silva (UNESC)

---

Prof. Esp. Gislene Camargo (UNESC)

**Às crianças.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que tem me dado forças constantemente nessa longa caminhada.

Aos meus pais Antonio Silveira Réus e Cleusa Cardoso Réus, que sempre estiveram ao meu lado dando todo seu amor, carinho e me apoiando em cada fase com suas palavras de conforto.

Aos meus irmãos Junior Cardoso Réus e Marília Cardoso Réus por sempre estarem do meu lado, até naqueles momentos difíceis e por não me deixarem desistir nunca.

Aos meus companheiros de pesquisa, as crianças, por todos os momentos de imaginação compartilhados.

Um agradecimento especial à minha professora, orientadora e amiga Aurélia Honorato, que sempre foi tão querida e paciente comigo e com minhas indecisões no que me ajudou a por rumo em meu trabalho de pesquisa. Obrigada por todo conhecimento compartilhado, pelas conversas, pela orientação e toda imaginação. Não foi a toa que a escolhi para me orientar e participar dessa fase tão importante em minha vida. Admiro-te muito.

Ao Professor Marcelo Feldhaus que me mostrou o verdadeiro sentido da arte, por meio de suas aulas de teatro inesquecíveis. São poucos que tem esse dom. Obrigada grande Professor.

Agradeço de maneira geral aos professores do curso, pois me proporcionaram a estrutura e conhecimentos acadêmicos que hoje possuo.

Ao “canto esquerdo” Angélica, Carol, Hudnisi, Lais, Luan e Tamara. Meus colegas e amigos da faculdade, das bagunças, dos trabalhos, do “X” salada. Companheiros que estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins, compartilhando assim momentos inesquecíveis. Se hoje estou aqui é por causa de vocês, por não me deixarem desistir nunca. Levá-los-ei para sempre em meu coração.

Agradeço a minha grande amiga Cristine Prudêncio, por sempre estar ao meu lado, confortando, chorando e sorrindo comigo, nessa longa caminhada do curso. Obrigada por me aturar quando eu estava insuportável.

A minha amiga Fabiana De Luca, que me escutou muitas vezes em momento de desistência, me apoiando com suas palavras amigáveis e doces, para

eu continuar.

A equipe Padrão por me apoiar, e me liberar nos horários em que precisei para fazer estágio e oficina do meu projeto de pesquisa. Obrigada por serem tão compreensíveis.

Enfim, agradeço por todos os amigos e familiares, por me apoiarem e entenderem os meus momentos de ausências. E por todos que de alguma forma me ajudaram nessa pesquisa e nesses quatros anos de curso.

Muito obrigada por tudo.

**“Wendy: - Ah, que época boa, quando eu sabia voar!”**

**“Jane: - E por que você não sabe mais voar, mamãe?”**

**“Wendy: - Porque eu cresci meu amor. Quando as pessoas crescem, elas não lembram mais como voa.”**

**(Peter Pan)**

## RESUMO

A pesquisa que deu forma a esse Trabalho de Conclusão de Curso se constituiu por encontros com oito crianças de quatro a cinco anos, em um espaço escolar. Buscou investigar o universo da criança, que é recheado de encantamento e fantasia, procurando compreender como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da Educação Infantil. Os encontros com as crianças se fizeram por meio de oficinas de contação de histórias e produção artística em desenhos. A oficina também contou com a participação de uma personagem fictícia, uma borboleta curiosa e atrevida cujo nome é Violeta, que junto com as crianças fez um passeio incrível na Terra do Nunca pela imaginação. No percurso teórico traz para a arena de debate Vigotski, Egan, Ferraz & Fusari, Coli e outros para promover relações entre a arte, a imaginação, a infância e a escola. E para poetizar no diálogo se apoiou no filme *Em Busca da Terra do Nunca*, de Marc Foster e a literatura de Jamie Barrie, *Peter Pan*. Os resultados alcançados revelaram o quanto, a imaginação da criança pode ser estimulada na escola a partir de seu encontro com a arte. Arte essa que se apresenta significativa contribuindo na ampliação do repertório estético e artístico da criança. Ao final a pesquisa apresenta uma proposta de curso para os professores, a qual busca proporcionar a eles experiências estéticas com a arte visual, o teatro e a narrativa de histórias, para que assim possam estimular sua imaginação e contribuir em sala de aula com seus alunos.

**Palavras-chave:** Criança. Infância. Arte. Imaginação.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Livro da contação de história. ....	34
Figura 2 - Conhecendo a história de Peter Pan. ....	35
Figura 3 - Imagem da contação de história. ....	37
Figura 4 - Imagens das crianças interagindo com a história. ....	40
Figura 5 - Imagem da personagem Violeta. ....	43
Figura 6 - Imagem da personagem Violeta. ....	44
Figura 7 – Imagem de Violeta chegando.....	45
Figura 8 - Imagem de Violeta No faz de conta com as crianças. ....	47
Figura 9 - Imagem das crianças contando o que viram no passeio pela imaginação. .....	49
Figura 10 - Imagem de Violeta antes de ir embora. . ....	50
Figura 11 – Imagem das Crianças desenhado.....	52
Figura 12 - Imagem do desenho feito por Dominique. ....	52
Figura 13 - Imagem do desenho feito Rafael. ....	53
Figura 14 - Imagem do desenho feito por Julio Cesar.....	54
Figura 15 - Imagem do desenho feito por Gregori.....	55
Figura 16 - Imagem do desenho feito por Jeferson.....	56
Figura 17 - Imagem do desenho feito Maria Isabel. ....	57

## SUMÁRIO

<b>1 TODO COMEÇO PRECISA DE UM FIM?</b> .....	<b>10</b>
1.1 CAMINHOS METODOLOGICO PARA OS PORTAIS .....	13
<b>2 ABRA-SE UM PORTAL PARA IMAGINAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
2.1 IMAGINAR, FANTASIAR, CRIAR: EIS A CRIANÇA .....	17
2.2 IMAGINAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO UNIVERSO ESCOLAR .....	18
2.3 A IMAGINAÇÃO EM MIM.....	19
<b>3 CRIANÇA E INFÂNCIA: UM PORTAL MISTERIOSO</b> .....	<b>22</b>
3.1 OUVINDO AS CRIANÇAS: CONSTRUINDO UM ESPAÇO DE NARRATIVAS..	25
<b>4 SURGEM VÁRIOS PORTAIS PARA O ENSINO DA ARTE</b> .....	<b>27</b>
4.1 A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	29
<b>5 ANALISANDO AS VÁRIAS DESCOBERTAS DOS PORTAIS</b> .....	<b>31</b>
5.1 OBSERVANDO UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES .....	31
5.2 HISTÓRIAS CONTADAS: IMAGINAÇÃO A MIL .....	33
<b>5.2.1 Primeiro momento: conhecendo a história de Peter Pan</b> .....	<b>34</b>
5.3 SURGE UM PERSONAGEM .....	41
<b>5.3.1 Segundo momento: um passeio na Terra do Nunca pela imaginação</b> .....	<b>44</b>
5.4 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS ENQUANTO DESENHAM .....	51
5.5 PROPOSTA DE CURSO.....	58
<b>5.5.1 Título</b> .....	<b>58</b>
<b>5.5.2 Público-alvo</b> .....	<b>59</b>
<b>5.5.3 Justificativa</b> .....	<b>59</b>
<b>5.5.4 Ementário do curso</b> .....	<b>60</b>
<b>5.5.5 Carga horária</b> .....	<b>60</b>
<b>5.5.6 Objetivo geral</b> .....	<b>60</b>
<b>5.5.7 Objetivos específicos</b> .....	<b>60</b>
<b>5.5.8 Metodologia</b> .....	<b>61</b>
<b>5.5.9 Referências</b> .....	<b>61</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ABRA-SE O ÚLTIMO PORTAL?</b> .....	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>ANEXO (S)</b> .....	<b>68</b>

## 1 TODO COMEÇO PRECISA DE UM FIM?

“Nunca diga ‘adeus’, porque dizer ‘adeus’ significa ir embora e ir embora significa esquecer.”

(Peter Pan)

Desde criança os ‘porquês’ me rodeavam, sempre quis saber tudo e o porquê de tudo. Por que borboletas voam e gatos andam? Por que o elefante é grande e a formiga é pequena? Por que os olhos dela são pretos e os meus são verdes? Por que os adultos choram e as crianças são felizes? Por quê?... Por quê?... Por quê? Tantos porquês eu mencionei, para meus pais, avós, professores, amigos e para mim mesma, tantos que perdi a conta. Será que é porque sou curiosa? Sim curiosa, muito curiosa, curiosidade essa que faz minha imaginação voar como uma borboleta e ir além do que se possa imaginar.

A imaginação sempre me acompanhou. Quando criança vivia em um mundo de magia, ou seja, no meu universo imaginário. Para entrar seria por um portal mágico, que às vezes ficava em baixo de um pé de laranjeira, outras vezes eu teria que procurá-lo. E quando esse portal era aberto, surgia um mundo encantado, onde tudo acontecia. O gato podia voar, as formigas eram gigantes, os olhos mudavam de cor e os adultos não choravam. Conheci vários amigos, criaturas imaginárias e seres incríveis que davam um sentido a mais de ser criança. Já adulta, posso dizer que ela ainda me acompanha, não com a originalidade e inocência de uma criança, mas com os desejos e sonhos de um adulto.

Quando nos tornamos adultos deixamos o que é próprio de ser criança para trás, isso me faz lembrar uma aula de Ciências que tive no ensino fundamental, onde a professora dizia “– O homem nasce, cresce se reproduz e morre”. Mas a criança que vivia dentro de mim não queria crescer muito menos um dia morrer, e sim permanecer. E assim permaneceu latente no meu ser.

Durante minha trajetória no curso de Artes Visuais, vivenciei experiências incríveis, mas foi a partir do meu estágio de docência na educação infantil, que tive uma de minhas melhores experiências. O contato com as crianças me motivou, pois confesso que os pequenos me encantaram com sua inteligência, rapidez de raciocínio e especialmente pela capacidade imaginativa que possuem. Podem ser príncipes e princesas com seus cavalos brancos correndo pela floresta, ou até

mesmo o temido vilão com seu dragão vermelho assustador. Um pedaço de madeira pode virar uma espada de super-herói. Um simples papel se converte em um foguete espacial. Sem contar que mergulham em seus personagens espontaneamente. Tudo isso fez despertar em mim a criança, aquela que estava latente e louca para voltar ao mundo imaginário.

Trago para dialogar com esse meu universo imaginário, o filme de Marc Foster, *Em Busca a Terra do Nunca*, que conta a história do escritor J.M Barrie, um gênio literário. Sempre com os velhos temas em suas peças de teatro, Barrie procurava algo que tivesse significado, algo que surgisse de dentro. Ele buscou inspiração no convívio com os quatro filhos de Sylvia, uma jovem que viuvara recentemente. E é no encontro com essa família que ele mostra aos meninos truques, jogos, brincadeiras, criando histórias de castelos e reis, índios, piratas e naufrágios. Com sua imaginação, Barrie transforma pedaços de madeira em poderosas espadas, pipas em fadas encantadas e os meninos em 'Meninos Perdidos da Terra do Nunca'. Com toda sua imaginação e falta de aventuras bloqueadas na infância pela perda do seu irmão, Barrie vive com esses meninos o que sempre quis viver, um mundo de magia, onde tudo é possível, no qual mostra como a fantasia é importante na vida das pessoas. Com tudo isso, Barrie cria sua melhor peça *Peter Pan*.

Peter Pan era um menino que nunca crescia, e que sabia voar. Vivia na Terra do Nunca, com seus amigos, fadas, índios, os *meninos perdidos*, que eram perseguidos por piratas liderados pelo Capitão Gancho. E assim viviam aventuras incríveis, dessas que todas as crianças por meio da imaginação já viveram.

Sabemos que a arte tem um grande papel no desenvolvimento da imaginação da criança, pois ela possibilita que a mesma amplie seu conhecimento, suas habilidades e a descoberta de suas potencialidades. Ao vivenciar e experimentar arte a criança encontra novas possibilidades para conhecer o mundo que a rodeia e também a si mesma, expressando seus sentimentos, medos, emoções e frustrações. A arte abre espaço para a criação e o brincar infantil, permitindo que a criança caminhe em um mundo pessoal de desejos, sentimentos e muita imaginação.

Essas possibilidades da arte na infância me impulsionam a investigar e buscar conhecer melhor o mundo imaginário da criança, esse mundo recheado de encantamento e imaginação. Acredito que ao observar e conhecer o processo

imaginário da criança podemos também conhecer mais sobre nossas feridas, nossas possibilidades criativas e nosso poder de transformação, pois tudo que percebemos e sentimos quando somos crianças tem uma força determinada na nossa vida quando nos tornamos adultos.

Diante disso e a partir das relações que vivenciei na infância e que estou vivenciando no curso de Artes Visuais, trago como problema dessa pesquisa: **Como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação Infantil?** Esse problema surgiu a partir de vários questionamentos que se configuraram em minhas questões norteadoras: Quais as possibilidades da imaginação no desenvolvimento infantil?; Qual o lugar da imaginação infantil nas aulas de Artes?; De que forma personagens, contação de histórias e brincadeiras lúdicas podem estimular a imaginação da criança?; Como o professor pode participar desse mundo de fantasia da criança?

Busco compreender nesta pesquisa, as possibilidades da imaginação da criança no universo infantil, e com isso, investigar como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil. Com tudo, busco também: Compreender teoricamente as possibilidades da imaginação no desenvolvimento infantil; Refletir sobre os possíveis estímulos (personagens, contação de histórias) para a imaginação da criança; Perceber o papel da arte no desenvolvimento da imaginação da criança na escola; Constituir espaços de narrativa em encontros/oficinas para ouvir as crianças sobre a imaginação.

A pesquisa aqui presente estrutura-se em quatro capítulos: Primeiramente apresento meu trabalho na introdução, onde falo sobre as origens da pesquisa, e os caminhos metodológicos para os portais, onde abordo os processos metodológicos do meu trabalho de pesquisa. No segundo capítulo: **Abra-se um portal para imaginação**, abordo a imaginação, a imaginação da criança e suas contribuições na escola, compartilho um pouco sobre a imaginação dentro de mim. No terceiro capítulo: **Criança e infância um portal misterioso**, falo sobre a criança, a infância e também a importância da pesquisa com crianças. No quarto capítulo: **Surgem vários portais para o ensino da arte**, abordo a arte, o ensino da arte dentro da educação infantil, e também sobre os professores. No quinto capítulo: **Analisando as várias descobertas dos portais**, é que apresento a análise dos dados coletados com a pesquisa feita com as crianças por meio de uma oficina de contação de histórias. Trago também minha proposta de curso, que surgiu após o resultado da

pesquisa. O último capítulo, o sexto dedico às considerações finais, no qual compartilho os momentos vivenciados, que me levaram a alguns resultados dessa pesquisa.

## 1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA OS PORTAIS

“Então venha comigo, onde nascem os sonhos, e o tempo nunca é planejado. Basta pensar em coisas alegres, e seu coração vai voar nas asas, para sempre, na Never Never Land!”

(Peter Pan)

Podemos dizer que pesquisa científica é procurar conhecer o que não sabemos e que de alguma forma precisamos saber. Seja em consulta de livros, revistas, verificação de documentos, espaço de narrativas e entrevistas com pessoas. Tudo isso para obter respostas e informações para construir novos conhecimentos. Prodanov e Freitas (2013, p. 43) ressaltam que:

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa.

Portanto, minha pesquisa segue a linha Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica de caráter qualitativo. Pinheiros (2010, p.19) complementa que “A pesquisa básica tem como objetivo gerar conhecimento novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” Já na pesquisa qualitativa o autor ressalta que, “o uso da estatística é fundamental para análise dos resultados. Não basta definir adequadamente o delineamento da pesquisa e aplicar corretamente a coleta de dados se a análise estatística não for bem feita (PINHEIRO, 2010, p.20).

De acordo com os objetivos propostos na pesquisa, considero-a como sendo descritiva, pois pretendo observar, registrar, analisar e ordenar os dados sem interferi-los, Prodanov e Freitas (2013, p. 44) nos diz que:

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los. Isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos considero uma pesquisa de campo, que nesse caso é criada a partir das conversas com as crianças durante a contação de histórias e também durante suas produções na oficina intitulada: Olhares curiosos. Nos dois momentos o procedimento metodológico de coleta de dados, assim como o de análise dos mesmos é identificado como *Espaços de Narrativa* (LEITE, 2008) que são caracterizados pelo encontro do pesquisador com os sujeitos participantes da pesquisa por meio da criação de espaços de produção artística, lúdica e de expressão.

Leite (2008, p. 138), nos diz que devemos “[...] ressignificar o próprio conceito de narrativa para além da oralidade e/ou da leitura e escritura. Não como um modelo a ser seguido, mas como a experiência vive em diálogo com a teoria.”

Portanto, realizei uma oficina em um ambiente escolar, com oito crianças de quatro a cinco anos. Por meio de contação de histórias, busquei conhecer o universo imaginário da criança e perceber como a imaginação pode ser estimulada. Foram três dias de observação sendo que duas foram com a professora pedagoga e outro com o professor de Artes. Depois das observações veio à ação que aconteceu em uma tarde chuvosa do mês de agosto onde busquei construir um *Espaço de Narrativa* para ouvir as crianças.

Os leitores podem observar que em alguns momentos da escrita do texto da pesquisa as falas das crianças e algumas falas extraídas do filme *Em Busca da Terra do Nunca*, estão em fonte itálica. Uso-a com o intuito de diferenciar a parte teórica da pesquisa com as falas coletadas para análise de dados, para que dessa forma o leitor tenha um melhor entendimento do processo. Ressalto ainda que as crianças, por meio de seus pais e responsáveis, assinaram as autorizações para uso de fala, imagem e escrita, cujo modelo se encontra no anexo dessa pesquisa.

Aqui trouxe a caracterização científica de minha pesquisa e um pouco do procedimento metodológico que sustentou minha investigação. Na sequência do

texto apresento a fundamentação teórica para em seguida trazer com maiores detalhes o campo da pesquisa e sua análise.



## 2 ABRA-SE UM PORTAL PARA IMAGINAÇÃO

“Você conhece aquele lugar entre dormir e acordar, o lugar onde você ainda pode lembrar de sonhar?”

(Peter Pan).

Quando criança queria me teletransportar para outro lugar, como num passe de mágica. Desejava que esse lugar fosse rodeado com grandes árvores, flores de todos os tipos e todas as cores, que o céu fosse bem colorido e as nuvens brancas e fofinhas, que a água do riacho mudasse de cor e que todos os tipos de borboletas, fadas, gnomos, criaturas incríveis habitassem esse lugar. Quando fechava meus olhos tudo isso acontecia e eu poderia aventurar-me nesse mundo de sonhos e magias.

A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano designa-se como imaginação ou fantasia tudo que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Neste sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOSTKI, 2009, p. 14).

Podemos dizer então, que a construção cultural e formação de um mundo cultural é produto da imaginação e da criação humana. Nós seres humanos, imaginamos conforme nosso cérebro produz elementos ou ações provenientes do mundo que nos cerca, ou seja, do nosso repertório cultural. Egan (2007, p. 12) diz que “a imaginação se encontra como que no ponto crucial em que a percepção, a memória, a geração de ideias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem.” Dessa forma, toda obra da imaginação se constrói de elementos armazenados de uma experiência do passado ou do presente das pessoas. Vigostki (2009, p. 20), diz que “essas experiências constituem o material com que se criam as construções das fantasias.” Ou seja, “a fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela e dispõe de seus dados em combinações cada vez mais novas.”

Para Ferraz e Fusari (1999, p. 60) é necessário:

Em primeiro lugar, entender que a atividade imaginativa é uma atividade criadora por excelência, pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos do mundo real. A imaginação se constitui, portanto, de novas imagens, ideias e conceitos, que vinculam a fantasia à realidade.

Dessa forma, a imaginação se constrói a partir da realidade e dos elementos que a envolvem, ou seja, todas as imagens armazenadas, culturas vivenciadas, formam a fantasia. No entanto, quanto maior a experiência da pessoa, mais bagagem terá para sua imaginação. “Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência.” (VIGOSTKI, 2009, p. 22). Com tudo, a criança se entrega mais as fantasias do que os adultos, em que vive o real, no seu mundo de faz de conta.

## 2.1 IMAGINAR, FANTASIAR, CRIAR: EIS A CRIANÇA

Mesmo com diferentes experiências no mundo, percebe-se que a criança imagina muito do que sentem, suas fantasias são mais aventureiras do que a dos adultos, elas conseguem mergulhar em seus personagens de um forma espontânea, natural de ser. Vigotski (2009, p. 44), afirma que “a criança vive mais tempo num mundo fantasioso do que no mundo real,” um mundo onde vivencia intensamente toda sua experiência de conhecimento sobre o meio no qual vive. Vigotski (2009, p. 22) ressalta ainda que, “quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mas ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência [...] mais significativa será a atividade de sua imaginação.”

Portanto é cada vez mais importante que os adultos, e em especial os professores, compartilhem com as crianças experiências e conhecimentos dos elementos da realidade, para que assim a criança seja capaz de criar e recriar situações por meio da fantasia e da imaginação. Uma das melhores formas para estimular a imaginação da criança é a contação de histórias, nelas as crianças fantasiam muito do que ouvem e veem. “O impulso para acompanhar uma história surge da vontade de saber o que virá depois. Esse impulso aproxima conceitualmente a narrativa da imaginação.” (GIRARDELLO, 2007, p. 49). Dessa forma, quando a criança está envolvida com a história ela acompanha cada palavra

contada imaginando o lugar onde está acontecendo, os personagens que ali estão, fantasiando a seu modo as histórias.

Girardello (2007, p. 39) ressalta ainda que:

A atividade de contar história é presença cotidiana nas creches e pré-escolas, sendo a ela corretamente atribuídos o incentivo a imaginação e a leitura, a ampliação do repertório cultural das crianças e a criação de referências importantes ao desenvolvimento subjetivo.

Concordando com que Girardello (2007) fala, ressalto ainda que a narração de histórias é um ponto importante na vida cultural da criança, pois a aproxima dos livros, da literatura, da arte. Ao interpretar histórias contadas a criança tem possibilidades de relacioná-las com suas atividades do cotidiano e desenvolver o pensamento lógico e criativo. Dessa forma é fundamental que o professor, a professora, em sala de aula mantenha essa aproximação da criança com as histórias, com os livros, com a criação de personagens e de ambientes, assim como participe do mundo de fantasia da criança, pois ao mesmo tempo em que o professor/a professora está ensinando, também está aprendendo.

## 2.2 IMAGINAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO UNIVERSO ESCOLAR

O universo escolar é um espaço em que professores e alunos buscam ensinar e aprender diferentes saberes. Portanto é necessário que o professor esteja sempre inovando e ampliando o repertório de seus alunos para que assim estejam hábeis a explorar aquilo que a criança tem a oferecer.

Ferreira (2007, p. 22) relata que é preciso:

[...] encorajar a iniciativa, a criação de trabalhos por meio de, levar a criança a descobertas por si mesma, a inventar e criar suas ideias, não dar respostas prontas para todas as indagações, não permitindo, assim, que a criança dependa do pensamento alheio.

Portanto, cabe ao professor expandir essas descobertas, estimular a imaginação da criança, participar de suas fantasias. “Quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar, assim como suas

representações.” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 63).

Dessa forma trago novamente o meu problema de pesquisa **Como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil?** A partir do problema pergunto: Será que a imaginação da criança está sendo estimulada nas práticas pedagógicas, ou, na rotina escolar? Faço esses questionamentos e penso em Egan (2007, p. 32) que nos diz que, “a imaginação é importante para a educação, porque nos força a reconhecer que formas de ensino e aprendizado que estão desconectadas com nossas emoções são educacionalmente estéreis.”

Quando o papel da imaginação é reconhecido de fato na escola. Oportuniza ao educando a valorização de suas ideias e experiências. Favorecendo em expandir mais sua fantasia, seu poder de criação e oportunizando assim, um melhor aprendizado.

Pessi (2011, p.19), ressalta:

A nós professores, cabe a tarefa de mostrar que uma flor pode ser colorida e as folhas transparentes, ou do jeito que imaginou. O ensino da arte, não tem sentido se todas as coisas estiverem prontas e com um único resultado. A arte é múltipla, para ela não existe o certo e o errado.

Concordando com Pessi (2011), resalto ainda, que nós professores, principalmente de Artes, temos que estimular mais esse universo imaginário da criança, escutando e procurando entender o que ela quer dizer. Estando atentos a pequenos detalhes, pois é por meios deles que podemos descobrir os mistérios desse mundo fantástico da criança, esse que ela carrega dentro de si.

### 2.3 A IMAGINAÇÃO EM MIM

Como já havia dito antes, sempre fui muito imaginativa. Quando brincava sozinha, minha imaginação fluía mais e mais, era como se fôssemos melhores amigas e ela sempre me acompanhava até nos meus desejos mais inusitados. Sempre gostei muito de arco-íris, são tão lindos e coloridos e toda vez que surgia um, eu ficava admirando-o. Lembro que uma vez na escola me falaram que se atravessássemos o arco-íris as meninas viravam meninos e os meninos viravam meninas. Isso me deixou muito curiosa, mexeu com toda a imaginação dentro de mim. Esperei dias por um arco-íris, até que após uma chuva de verão surge o mais

lindo arco-íris. Não pensei duas vezes, a curiosidade era maior do que o medo de virar um menino. Então, fui ao encontro do arco-íris e cada vez que me aproximava, ele se afastava, até que ele foi ficando fraco e sumiu. Voltei pra casa frustrada e triste. Mas com a esperança que um dia eu iria conseguir atravessá-lo. Penso como as crianças são otimistas, elas não desistem de seus sonhos, deu errado? Amanhã elas tentam de novo.

“A imaginação ultrapassa a realidade, ela vê o invisível, ela vai ao fundo das coisas.” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 48). Ou seja, o desejo de atravessar o arco-íris e descobrir se viraria mesmo menino foi tão grande, que ultrapassei a realidade e fui até onde minha imaginação pudesse me levar, sem me importar com as frustrações que iria encontrar.

Egan (2007, p.13) diz que, “quando imaginamos algo, sentimos como se isso fosse real e presente, de tal forma que nossa codificação e nosso acesso a imagens parecem estar ligados a nossas emoções.” Dessa forma ressalto, que quando a criança imagina ela vive o que está sentindo naquele momento, pois o faz de conta não está tão longe do que é real, mas ele fornece um contexto do que queríamos que fosse real e, dessa forma o pensamento, a imaginação, nos oferecem esse desejo.

Refletindo um pouco mais sobre a imaginação dentro de mim, surgem várias lembranças, histórias. Lembro que nossa casa era de madeira, e como sabemos madeiras sempre tem marcas que na imaginação viram imagens, formas, seres inusitados. Lembro que na parede da sala tinha uma marca que parecia um rosto. Minha mãe sempre dizia que eu ficava conversando e brincando com esse ‘rosto’, às vezes ficava horas, e assim, surgia mais um ser imaginário para minha lista. São pequenas lembranças que surgem quando alguma emoção é acionada.

A memória humana não é um local ordenado, com espaços ou prateleiras para que cada item permaneça inerte até ser acessado. Ela é mais como um tumulto cambiante movido por emoções e intenções que fazem parte de nós [...] E nem um simples depósito de informações, mas centro de constante atividade, no qual emoções, intenções e lembranças se misturam com o que foi recentemente aprendido, revestindo tal conteúdo de significado (EGAN 2007, p. 18 - 19).

Talvez seja por isso, que quando estamos movidos por alguns sentimentos, sejam eles de alegria ou de tristeza surgem alguns relances da memória da nossa infância, que nos fazem querer lembrar mais e mais. Talvez

esses sentimentos me acompanhem sempre, pois a infância foi uma fase em que junto aos meus primos aproveitei muito. Brinquei, pulei, corri, criei, aprendi, e foi nela que pude ser tudo que queria ser e tudo que hoje sou.

### 3 CRIANÇA E INFÂNCIA: UM PORTAL MISTERIOSO

“Não deviam mandar as crianças para cama, cada dia que acordam estão mais velhas.”

(Fala de J.M. Barrie no Filme em Busca da Terra do Nunca)

Crianças são seres incríveis, mágicas, criativas, ou melhor, grandes atores e escritores. Podem escrever histórias surpreendentes e aventurarem-se nelas com grande estilo, pois mergulham em seus personagens tão espontaneamente. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010, p. 12) nos diz que criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Muitas vezes os adultos não compreendem essa construção de identidade e acabam impondo limites, impedindo assim da criança ser o que realmente é. Cohn (2005, p.25) alega que “algumas fases por que passam as crianças são assim marcadas, por exemplo, o momento quando começa a falar e a andar locomovendo-se sozinha.” Dessa forma, se um adulto impõe limitações, poderá interferir em seu desenvolvimento cultural, uma vez que a criança está em construção e em constante transformação. Ela tem o seu tempo para aprender e assim memorizar em seu cérebro suas culturas e vivências do cotidiano e assim prosseguir em sua trajetória no mundo.

Stearns (2006, p. 13) ressalta:

É difícil elaborar histórias bem feitas sobre crianças. Crianças deixam relativamente poucos registros diretos. As pessoas rememoram suas infâncias, adultos escrevem sobre crianças e há objetos, berços, brinquedos etc., mas isso também é trazido à baila por intermediários adultos. Justamente por isso, é mais fácil tratar historicamente da infância do que das crianças em si, porque a infância é em parte definida pelos adultos e por instituições adultas.

Dessa forma, muitos pesquisadores que estudam a antropologia da criança declaram que não é nada fácil elaborar histórias sobre crianças, pois afinal

todos já fomos crianças, e esses segredos indecifráveis, enigmáticos, crescem conosco. Mas estudos mais elaborados procuram desvendar esses segredos.

Declara-se que alguns conceitos-chave da antropologia:

[...] permitem que se vejam as crianças de uma maneira inteiramente nova. Ao contrário de seres incompletos, treinados para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Seres sociais plenos ganham legitimidade como sujeito nos estudos que são feitos sobre elas (COHN, 2005, p. 21).

A cultura da criança vem mudando a cada geração, sua forma de pensar, de agir. Visto que hoje, com as tecnologias cada vez mais avançadas, as brincadeiras das crianças se constroem de outra forma. Com isso suas culturas vão mudando, e seus repertórios vão sendo ampliados de acordo com as mudanças que o mundo as oferece. Nesse ponto Kramer (2006, p. 15), esclarece que:

A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãos, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir de seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância.

Portanto é relevante compreender as experiências pelas quais a criança vivencia durante sua vida, as brincadeiras, os traumas, as mágoas, as alegrias, ou seja, toda história que constitui sua infância. Pois tudo que ela experimentar, a definirá como adulto/a. Kramer (2006, p. 274) ressalta que “compreender o olhar da infância é importante para compreender a face do mundo que as encara.” Ou seja, ao conhecer melhor a infância estamos dessa forma, descobrindo como manter um diálogo mais próximo com as crianças.

Quando o adulto fala da infância geralmente se reporta à experiência do outro, e dificilmente se reconhece nessa história, como se a criança que habita o adulto já não encontrasse palavras para dar conta dessa experiência esquecida. O diálogo do adulto com a criança depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com seu passado, com sua infância (SOUZA; PEREIRA, 1998, p. 40).



Dessa forma, relato aqui alguns momentos da minha infância. Posso dizer que foi uma fase inesquecível em minha vida, juntos com meus primos vivemos aventuras incríveis. Adorava o natal, ou essas datas comemorativas em que reúnem toda família na casa da avó. Lembro que eu e meus primos brincávamos na chácara, era rodeado de árvores, de vários tamanhos e todos os tipos, que chamávamos de floresta encantada. Tínhamos a tia aranha, que vivia dentro do tronco de uma árvore, o tio macaco, que ficava escondido no alto das árvores e a rampa protegida, que era uma árvore inclinada em que subíamos toda vez que estávamos em perigo, ali ninguém poderia nos pegar era como se tivesse uma barreira de proteção (área protegida).

Antes de começarmos a brincar, lembro que saudávamos todos os nossos amigos e todos juntos falavam:

*“- Benção Tia Aranha;”*

*“- Benção Tio Macaco;”*

*“- Benção Rampa Protegida.”*

E assim saudávamos todos os seres que nossa imaginação criava e, quando íamos embora, também nos despedíamos de todos.

Há pouco tempo fui nesse lugar e ele estava um pouco diferente, a casa da tia aranha não estava mais lá e nem a do tio macaco e muito menos a rampa protegida. Mas quando fechei meus olhos, pude ver todos nos seus devidos lugares. O ambiente poderia ter mudado, mas a magia da infância ainda estava ali, ou será que estava dentro de mim? Senti uma grande nostalgia e uma lágrima surgiu no meu rosto, com um grande desejo de voltar à infância e vivenciar tudo aquilo novamente.

São muitas lembranças que vem agora da minha infância, pois foi uma fase mágica. Posso dizer que era livre pra viver no mundo, livre como uma borboleta ou até mesmo como Peter Pan. Acho-me parecida com Peter, pois além de curiosa, não queria crescer e queria muito saber voar. Lembro que em um dia de vento convidei a minha prima para vivermos uma aventura, mas ela tinha que levar seu guarda chuva, e juntas subimos em uma porteira e ali esperávamos o vento ficar mais forte. Assim que ficava, abríamos o guarda chuva e pulávamos da porteira com a intenção de podermos voar.

São momentos maravilhosos da minha infância que trago junto comigo, sempre lembro e sempre lembrarei. Agora adulta me sinto maravilhada em realizar

uma pesquisa sobre crianças, sobre esse universo imaginário que as cercam.

### 3.1 OUVINDO AS CRIANÇAS: CONSTRUINDO UM ESPAÇO DE NARRATIVAS

Fazer uma pesquisa com crianças provoca muitas inseguranças, afinal no que pesquisar? O que perguntar? Será que devo perguntar? O que as crianças irão falar? Além do que algumas crianças se intimidam e acabam não falando nada, ocultando assim seus desejos de expressar-se. Á vista disso Rocha (2008, p. 45), complementa que “a entrevista direta com crianças revela-se inadequada, porque estabelece um constrangimento de várias ordens sociais.” Contudo, o ideal é ouvir sempre o que as crianças têm a falar, procurando deixá-las à vontade, para que assim possam ser conquistadas sem receios.

Honorato (2007, p. 17) nos diz que:

Ouvir o que pensam, sentem e dizem as crianças na perspectiva de estudar, desvendar e conhecer as culturas infantis constitui-se não apenas em mais uma fonte (oral) de pesquisa, mas, principalmente, em uma possibilidade de investigação acerca da infância, uma vez que as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e comportamentos sociais.

Dessa forma, a pesquisa com crianças vem conquistando cada vez mais espaço e atenção em diferentes áreas do conhecimento. Ao se estabelecer como um campo de estudos aponta a compreensão e o olhar da sociedade em relação aos direitos e necessidades da criança. Kramer (2006, p. 38) contribui dizendo que “pesquisar a infância com este olhar significa pesquisar a própria condição humana, a história do homem.”

Portanto é necessário, criar um espaço atraente para uma pesquisa com criança, um espaço em que se possa escutá-las e compreendê-las. Dessa forma uma oficina de contação de histórias, em que um personagem caracterizado os encante, é uma boa opção para poder escutá-las. Pois a contação de história é envolvente, e quando um personagem de conto de fadas desempenha esse papel com tamanha devoção, de imediato a criança se entrega e é conquistada.

Leite (2008, p. 124) ressalta ainda que:

O local onde se faz a pesquisa tem merecido atenção. [...] Pode uma professora de música, no interior da escola, criar espaço para que as

crianças suas alunas digam o que pensa sobre música? O local, por si só, é carregado de valores, regras e hierarquias que as crianças logo decodificam, e essa percepção interfere fortemente em suas respostas.

Á vista disso, a arte tem um gigantesco papel, para abrir esse espaço, e dessa forma conquistar a criança. Uma vez que a arte é envolvida por significativas linguagens, que tem um poder de abrir grandes caminhos e espaços, e “a arte é uma dentre as muitas formas de expressão do ser humano.” (MANHÕES, 2012, p. 271). Aliar a arte e a imaginação por meio da contação de histórias e também produções artísticas das crianças foi a forma que encontrei para abrir um diálogo com elas e então buscar compreender minhas inquietações nessa pesquisa. Olhar para a arte e seu ensino na escola é ponto fundamental para pensar a criança e sua potência de imaginação. É o que procuro apresentar na sequência da escrita.

#### 4 SURGEM VÁRIOS PORTAIS PARA O ENSINO DA ARTE

“Eu acredito, eu acredito... Bons pensamentos faz com que voemos.”

(Peter Pan)

O que é arte? O que ela representa na escola, na vida das pessoas e no cotidiano? Essas perguntas me acompanham desde muito tempo, minhas respostas sempre circularam pelo pensamento de que: arte é desenho, obra de arte, artistas que marcaram uma história, como Van Gogh, Leonardo da Vinci, Rembrandt e muitos outros que representaram suas épocas. Mas quando vivenciamos a arte, entendemos que é muito mais que isso. Arte é entrar num mundo de perspectivas de cores, magias, sentimentos, emoções. É olhar para Mona Lisa e sentir seus olhos falarem mais que seu discreto sorriso, ou até mesmo, flutuar nas lindas obras de Michelangelo sem sair do lugar.

Todos sabemos que a Mona Lisa, que a Nona Sinfonia de Beethoven, que a Divina Comédia, que Guernica de Picasso ou o Davi de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo ‘arte’. [...] Além disso, a nossa atitude diante da ideia ‘arte’ é de admiração (COLI, 1995, p. 08).

A partir de Coli, podemos dizer que nossa atitude diante da ideia “arte” é de admiração, de encantamento por algo que nos chama a atenção ou mexe com nossos sentimentos, tudo vai depender da forma que a olhamos e que ela nos olha, no qual precisamos de um olhar mais sensível para poder percebê-la

Barbosa (2005, p. 17 - 18) declara o seu olhar diante da arte:

A ideia que eu tinha a respeito de Arte era mais romântica e incompreendida possível. Eu queria enxergar, ouvir, sentir arte nas pessoas e lugares. É como se eu já não pudesse enxergar o mundo sem arte [...]. Continuo enxergando, ouvindo e sentindo arte nas pessoas e lugares, só que hoje eu PENSO a arte como construção de conhecimento contínuo. Arte não é mais estática para mim. É processo, é percurso, é dinâmico, é estudo.

Partindo desse pressuposto posso dizer que antes de ingressar no curso de Artes Visuais, a arte que habitava em meu ser era compreendida de um modo diferente, pois em minha vida escolar a arte se restringia a desenho, pintura e pintores famosos, poucos. Não conhecia as diferentes linguagens, o que deixava

minha experiência com arte pequena, pouco me afetou. Hoje, no percurso do curso, passei a entender um pouco mais o que é arte e os valores que a cercam.

Silva (2006, p. 38) ressalta que a escola:

[...] é o espaço onde se prepara o aluno para a vida profissional e pessoal e somos convidados, nós, educadores, a substituir os velhos modelos racionais, positivistas, patriarcais e cartesianos por novas concepções educacionais, fundamentadas em uma pedagogia mais progressista e voltada para a formação de uma sociedade mais inclusiva. O fortalecimento das desigualdades sociais, geradas pela globalização, só poderá ser minimizado com uma educação mais comprometida com a realidade.

Olhando para o que a autora diz vemos que o ensino da arte contribui com sua perspectiva, pois tem como objetivos principais desenvolver o pensamento artístico e a percepção estética, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de sua imaginação e sua sensibilidade. O ensino da arte é tão importante quanto qualquer outra área de conhecimento no processo de aprendizagem, sendo que além de ser uma disciplina com suas responsabilidades e objetos como as outras, o ensino da arte ainda tem ligações com as demais áreas do conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos dizem que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1998, p. 19).

Sendo assim, o ensino da arte possibilita um novo olhar, um novo caminho que o leva a conhecer um mundo provocador, instigante e que estimula nossos sentidos. Pois a arte reflete verdade, imaginação, pensamentos e sentimentos de pessoas, tempos e espaços.

Dado que o professor tem um papel fundamental na vida escolar do aluno, é por meio da relação estabelecida entre o professor e a arte que o educando engrandece seus conhecimentos. Lavelberg (2003, p. 10) diz que:

O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte.

Portanto, o professor é um importante mediador na vida escolar do aluno. Os vínculos que se estabelecem entre o professor e o aluno devem corresponder de modo que ambos aprendam. A autora Lavelberg (2003, p. 11) contribui ainda dizendo que “o papel do professor deveria ser como o de um regente de orquestra, para qual o aluno (instrumentos) têm participação única e significativa na construção coletiva e individual dos processos e produtos de aprendizagem.” Uma vez que a relação entre professor e aluno seja de harmonia, o aprendizado será favorável e gratificante.

Na Educação Infantil esse vínculo é mais forte, visto que a criança tem que ser conquistada primeiramente, para que assim possa participar e apreciar o que o professor virá a conduzir. Manhães (2012, p. 275) acentua que “é importante que o professor possa contribuir para a ampliação dos repertórios da criança, atentando para a necessidade de não subestimar a capacidade criadora.” Dessa forma o professor tem que ser minucioso às necessidades da criança, já que às vezes não se interessam pelo que é proposto pelo professor.

#### 4.1 A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Movimentos Interfóruns de Educação Infantil no Brasil:

A educação infantil organiza-se em creches e pré-escolas, de modo que de zero a três anos haja uma articulação de políticas sociais que, lideradas pela educação, integrem desenvolvimento com vida individual, social e cultural, num ambiente onde as formas de expressão, dentre elas a linguagem verbal e corporal ocupem lugar privilegiado, num contexto de jogo e brincadeiras, em que as famílias e as equipes das creches convivam intensa e construtivamente, cuidando e educando. E para as dos quatro aos seis anos haja uma progressiva e prazerosa articulação das atividades de comunicação e ludicidade, com o ambiente escolarizado no qual desenvolvimento, socialização e constituição de identidades singulares, afirmativas, protagonistas das próprias ações, possam relacionar-se, gradualmente, com ambientes distintos dos da família, na transição para a educação fundamental (BRASIL 2002, p. 21).

Portanto ao iniciar sua vida na Educação Infantil, a criança inicia sua trajetória escolar favorecendo assim sua compreensão do contexto em que vive ampliando suas culturas e também assimilando seu modo de ver o mundo a partir do olhar do outro.

O ensino da arte na Educação Infantil é um grande colaborador para o desenvolvimento infantil, visto que estimula, desperta e amplia o seu conhecimento.

É por meio da arte que a criança conhece e reconhece a dança, a música, o desenho, linguagens que geralmente estão presentes no cotidiano delas, em especial o desenho, pois a criança está quase sempre rabiscando, [...] Iavelberg (2003, p. 86) complementa que “a criança desde pequena age, reflete, abstrai sentimentos de suas experiências com o desenho.” Contudo, além da forte ligação que a criança tem com o desenho, como que querendo neles expressar tudo o que sentem e querem falar, a criança também interage com os sons à sua volta. À vista disso, podemos dizer que desde sempre a arte está presente no universo infantil, pois a criança sempre interage com esses sons, possibilitando assim, sua curiosidade pelas fontes sonoras e preferências pelos brinquedos e objetos que emitem sons.

Andrade (1976, p. 593) nos faz pensar que:

Crianças fazem poesia com a palavra, com os objetos, com o corpo inteiro. Elas pensam metaforicamente e expressam seu conhecimento do mundo valendo-se das muitas linguagens, criadas e recriadas na cultura em que estão inseridas. As crianças são poetas, sim! [...] mas a escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Partindo do que Andrade fala, podemos analisar que a criança em seu universo imaginário, lida com suas emoções e frustrações, pois expressa aquilo que vê e o que sente, poetizando assim tudo o que faz. Muitas vezes as escolas não conseguem dar conta daquilo que a criança necessita vivenciar. Esta afirmação nos ajuda a pensar nos significados e na importância da presença da arte na Educação Infantil. Sabe-se que a arte tem um importante papel para o desenvolvimento da criança, mas isso não cabe só a ela, o professor tem que saber agir diante desses pequenos poetas que sempre nos surpreendem com sua inteligência e imaginação.

E é a partir dessa perspectiva de ser uma professora de Artes em formação que propus olhar para a criança, ouvi-la e buscar contribuir com seu desenvolvimento, em uma oficina de contação de histórias e também de produção artística em desenhos. No próximo capítulo trago os detalhes dessa investigação no campo e as surpresas e alegrias de estar com as crianças.

## 5 ANALISANDO AS VÁRIAS DESCOBERTAS DOS PORTAIS

“Quem acredita em fadas batam palmas.”

(Peter Pan)

Após o percurso teórico da minha pesquisa em que interagir e refletir com os autores, apresento a partir de agora as falas e as ações das crianças, meus parceiros e principais envolvidos nessa pesquisa. Para a coleta dos dados realizei a oficina em um ambiente escolar, onde busquei perceber como e se a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da Educação Infantil, sendo esse meu problema de pesquisa. Para tanto, procurei observar as crianças em sala de aula a partir de uma proposta de contação de histórias, pois acredito que as histórias são meios de estimular a imaginação e a fantasia das crianças à medida que elas acompanham cada parte, cada elemento, cada personagem da história contada. Dessa forma, procurei investigar o papel da arte no desenvolvimento da imaginação da criança na escola, construindo assim, como já dito, Espaços de Narrativa em encontros/oficinas para ouvir as crianças em seu processo de imaginação.

### 5.1 OBSERVANDO UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES

Antes de contar histórias para as crianças, achei necessário primeiro a observação, pois dessa forma poderia perceber do que elas gostam, em que elas se interessam como elas agem e reagem na sala de aula. Foram três dias de observações. Em dois dias as crianças estavam com a professora pedagoga e no outro dia estavam com o professor de Artes. Durante minhas observações pude perceber o quanto as crianças são imaginativas, a todo o momento estão imaginando ou criando o seu ‘mundo’ de fantasias. Mas com a rotina escolar da criança, percebo que muitas vezes essa criação é interrompida pelas tarefas que a criança tem que cumprir na escola.

O lugar onde fiz as observações foi em uma escola situada no interior da cidade de Araranguá - SC. A sala em que se encontram os pequeninos é grande, com vários cartazes nas paredes contendo desenhos e produções pedagógicas que estimulam as crianças a pensarem quando estão com dúvidas. Ao lado do quadro,



no canto esquerdo, se encontra um armário que contém vários materiais (caneta hidrocor, lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever, borracha, tinta guache, tesoura, cola). Na frente desse armário fica a mesa da professora, com vários papéis e uma impressora a laser. Ao centro da sala, duas fileiras de pequenas carteiras e cadeiras, que são ocupadas por seres adoráveis, os meus companheiros de pesquisa, sim as crianças. Logo ao final da sala há uma TV e um aparelho de DVD, que são utilizados para reproduzir filmes de histórias infantis e músicas. Em frente à TV, no chão, tem um enorme tapete, onde as crianças vivem grandes momentos, assistindo a filmes, ouvindo músicas e histórias e assim tendo possibilidades de fantasiar.

Durante a observação, nas aulas da professora pedagoga, percebi que as crianças cumpriam as tarefas que lhes eram atribuídas. Algumas faziam, mas reclamavam, algumas eram mais rápidas, outras mais lentas e outras viajavam em seu mundo. Nos dois dias que observei, percebi que para cada dia a professora selecionava um ajudante da turma, que tinha a função de colocar os materiais de pintura na mesa e recolher as produções de seus colegas. Em uma dessas observações, a professora pediu para um menino ser o ajudante da turma. Percebi o quanto ele viajava, no mesmo momento que estava realizando sua produção, ele brincava com seu carrinho imaginário, ficava emitindo sons com a boca. Às vezes era retido pela professora. O momento que achei fantástico foi quando a professora pediu que ele recolhesse os papéis que estavam no chão. Num instante a lixeira virou um trator, e junto com as outras crianças fizeram uma grande viagem pela sala, até o momento em que a professora os repreendeu.

O intervalo era o momento que eles mais gostavam, pois estavam livres para liberar toda sua imaginação. Observei as crianças no tapete de história, e percebi que estavam brincando de ser cachorro, emitiam sons e imitavam a forma que eles andavam. De repente começaram várias imitações: gato, avião, moto, tesoura que ia cortando tudo. O tapete parecia ser um lugar mágico em que eles saíam daquele 'mundinho' estereotipado, de copiar, pintar, cortar, colar e iam para um mundo em que poderiam ser qualquer coisa, sem regras e sem rotinas.

Na aula de Artes que observei, o professor levou uma atividade interessante, uma a uma as crianças iam à frente e falavam seus nomes, sua cor favorita, tinham que imitar um animal que gostassem e cantar uma música. Algumas se entregavam, seguiam todo processo da atividade. Já outras se limitavam, talvez por serem mais tímidos. Pude perceber o quanto as crianças gostam de histórias,

tanto de ouvir como de contá-las. Isso me instigou mais a fazer uma oficina de contação de histórias. Outro momento gostoso da minha observação foi novamente no intervalo, em que vi os meninos brincando com um carrinho. Aproximei-me e perguntei o que estavam fazendo. Um dos meninos me disse que estava brincando com um carrinho de choque, e que dava choque em quem encostasse nele. Então entrei na brincadeira e no faz de conta deles. Pedi que testassem em mim e ao colocar o carrinho no meu braço fiz gestos de que estava levando um choque daqueles. Todas riram e se entregaram à brincadeira, alguns segundos depois todos tinham seus carrinhos de choque. Essa vivência me fez lembrar uma cena do filme *Em Busca da Terra do Nunca*, em que o personagem Barrie, está sentado num banco do parque lendo um jornal, quando se depara com o menino Michel debaixo do seu banco, advertindo-o que Barrie estava com os pés em sua manga. Barrie prontamente lhe responde: - *estou? Lamento, mas você está em baixo do meu banco*. Michel tenta justificar o motivo que o levou a estar ali e explica: - *É necessário, infelizmente, fui preso no calabouço pelo malvado príncipe George, desculpa se incomodei você*. Barrie responde: - *Se estás preso no calabouço, não há muito que fazer, não? Talvez eu possa lhe passar as chaves pelas grades...*

Quando um adulto se aproxima e vive esse faz de conta com a criança, pode contribuir de alguma forma com o mundo imaginário dela. Quando Barrie leva a sério a história de Michel, ele passa a vivenciar com o garoto o seu faz de conta, estimulando assim suas fantasias e imaginação. Muito importante, não só os professores, mas os adultos que convivem frequentemente com a criança serem cúmplices nesse mundo de fantasia. A criança se sente mais segura, e essas ações serão importantes para seu desenvolvimento e aprendizado.

## 5.2 HISTÓRIAS CONTADAS: IMAGINAÇÃO A MIL

Em uma tarde chuvosa, e um pouco fria, fui realizar a minha oficina com meus companheiros de pesquisa. A oficina aconteceu na Escola de Educação Básica de Ilhas, situada na cidade de Araranguá. Foi realizada com oito crianças de quatro a cinco anos. Cheguei cedo, para organização, em seguida as crianças foram chegando, com os 'olhinhos' curiosos querendo saber o porquê da minha presença na escola novamente. Antes de começar a ação, me certifiquei se estava tudo certo

com os equipamentos, meus também, parceiros na pesquisa: a câmera fotográfica, a câmera de vídeo e o gravador, afinal não poderia perder nenhum momento.<sup>1</sup>

### 5.2.1 Primeiro momento: conhecendo a história de Peter Pan

No primeiro momento sentei-me numa cadeira e convidei as crianças para sentarem no tapete de histórias. Comecei a instigá-las perguntando de quais histórias conheciam. Surgiram muitas respostas como: Branca de neve, A bela e a fera, Chapeuzinho Vermelho, Pocahontas, Joãozinho e Maria, Pinóquio e até o filme A era do gelo. Pude perceber que eles têm um bom repertório de histórias da literatura infantil.

Em seguida fiz outra pergunta se conheciam um menino levado que não queria crescer e que sabia voar. Todos responderam que não. Então falei de um livro mágico que a borboleta Violeta<sup>2</sup> havia me emprestado e que nele continha muitas histórias. Pude perceber que seus olhos brilhavam de curiosidade para conhecer esse tal livro. Apresentei-o a eles, sem mostrar o que continha dentro. O livro (Figura 1) se apresenta com uma capa toda verde, com dois olhos grandes, querendo representar a curiosidade. Suas páginas são ilustradas com figuras dos personagens da história de Peter Pan, onde cada página contém uma imagem.

Figura 1 - Livro da contação de história.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

<sup>1</sup> Ressalto que as falas e imagens das crianças para essa pesquisa, foram autorizadas pelos pais por meio de uma ficha de autorização, cujo modelo se encontra no anexo.

<sup>2</sup> Personagem fictício, que criei para elaboração dessa pesquisa. Violeta é uma borboleta muito curiosa, sempre quer saber tudo e o porquê de tudo. Com sua curiosidade e seu espírito aventureiro ela viaja para vários mundos e vive grandes aventuras. Na página 41, encontram-se mais detalhes da história de violeta.

Então lancei outra pergunta: “- *Vocês querem conhecer esse menino?*” E todos responderam de imediato: “- *Sim!*” Fui para primeira página que era uma imagem de Peter Pan (Figura 2), antes de mostrá-la, disse-lhes que era um menino levado, que não queria crescer, que sabia voar e seu nome era Peter Pan. Nesse momento todos se alvoroçaram dizendo: “- *eu conheço, eu conheço.*” Pude perceber que ficaram empolgados, Dominique saiu de trás e veio para frente, como querendo se aproximar da história. Então perguntei se sabiam a cor da roupa dele. Dominique com o braço levantado respondeu aos gritos: “- *verde!*” Ela parecia saber cada detalhe da história. Então mostrei a imagem de Peter Pan com sua roupa verde, e comecei a falar sobre o personagem: “- *Peter Pan era um menino criativo, leal, divertido e às vezes um pouco esquecido e vive muitas aventuras num lugar chamado Terra do Nunca. Vocês conhecem esse lugar?*” Rafael respondeu: “- *Só nos filmes*”. Lancei outra pergunta: “- *Como é esse lugar no filme Rafael?*” Ele prontamente falou: “- *Tem várias árvores e um navio pirata gigante.*”

Egan (2007, p. 12) diz de como é importante “capacitar os alunos a tornarem-se pensadores autônomos, capazes de perceber as ideias convencionais como elas são,” portanto procurei no momento da contação da história instigá-los, para que assim eles despertassem sua imaginação e se doassem mais à história.

Figura 2 - Conhecendo a história de Peter Pan.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Continuei falando: “*Peter Pan tem uma amiga que é bem pequenina, ela é uma fada [...].*” Antes que eu continuasse a história, Dominique gritou: “- *É a Sininho, é a Sininho*”. “- *Muito bem Dominique, é a Sininho e ela é uma fada que possui*

vários poderes mágicos, um deles vocês sabem qual que é?” Todos: “- Não!” Continuei: “- Com o pó de pirlimpimpim ela pode fazer as crianças voarem.” Todos me olharam surpresos, abri outra página do livro e continuei a história: “- Na Terra do Nunca moram outros seres que são amigos de Peter Pan e da Sininho.” Mostrando a página, perguntei: “- Vocês sabem quem são eles?” Alguns arriscaram: “- Macacos, Menino animal.” “- Eles são os meninos perdidos e são os fieis seguidores do Peter Pan em suas aventuras. E vocês sabem onde é a casa deles?” “- Na floresta! Na folha?” Dominique respondeu: “- Numa árvore!” – “Muito bem, eles moram dentro de uma árvore oca, no subterrâneo da terra.” “- Nossa que legal.” Pude perceber seus olhares interrogativos tentando imaginar essa tal casa na árvore oca.

Egan (2007, p. 20) ressalta que “o desenvolvimento da imaginação dos estudantes não ocorrerá sem o aprendizado e a memorização de muitos e diversificados saberes.” Dessa forma pude perceber que com o decorrer da história as crianças já estão envolvidas, os que conhecem a história, falam o que sabem, como Dominique quando diz que os meninos perdidos moram dentro de uma árvore. E os que não conhecem deixam sua imaginação levá-los pela história, arriscando alguns palpites, cada vez que é lançada uma pergunta.

Continuando a história, mostrei outra página: (Figura 3) “- Na Terra do Nunca, além do Peter Pan, Sininho, e os Meninos Perdidos, tem também uma tribo de índios, e eles tem uma princesa que sabe todos os segredos da tribo, ela é conhecida como a Princesa Tigrinha.” Alguns exclamaram: “- Que bonita!” Antes de passar para a outra página, disse: “- Como em todas as histórias tem um personagem mau, na Terra do Nunca tem um que vive em um [...]” Mostrei então a figura da página do livro. Algumas respostas surgiram: “- Navio; barco; navio pirata.” “- Isso mesmo, ele mora em um navio pirata. E vocês sabem quem é ele?” “- Um navio? Um pirata?” Continuei: “- Isso, um Pirata, e qual será o nome dele?” “- Pirata? - Chapéu?” Conclui: “- Ele é um pirata e seu nome é Capitão Gancho, ele mora em um navio junto com sua tripulação de piratas. Ele tem uma mão de gancho. Vocês sabem por quê?” Rafael respondeu: “- Porque ele não tem mão!” Maria Isabel também optou: “- Porque ele é o Capitão Gancho.” Continuei: “- Por que um Crocodilo com o nome de Tic Tac, engoliu sua mão e ele colocou uma mão de gancho.” Olhares assustados! Continuei: “- Capitão gancho vive perseguindo o Peter Pan e seus amigos, para derrotá-lo e se tornar o dono da Terra do Nunca.” Passei para outra página do livro, mostrei a figura e perguntei: “- Vocês conhecem esse

personagem?” “- Um jacaré; um crocodilo; o Tic Tac; - Sim! O Crocodilo Tic Tac, foi esse que engoliu a mão do Capitão Gancho. E desde então vive perseguindo Gancho. Mas Gancho é muito esperto deu um relógio para o crocodilo engolir. Cada vez que ele se aproxima do Capitão Gancho, sua barriga faz Tic Tac, Tic Tac, é por isso que o Capitão Gancho nunca é pego.” Ficaram me olhando com olhares pensativos, imaginários.

Figura 3 - Imagem da contação de história.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Continuei a história dizendo: “- Um dia Peter Pan, queria novas aventuras e convidou sininho para visitar seus amigos, em outro lugar bem distante da Terra do Nunca. Vocês sabem quem são esses amigos?” “- Os macacos; os amigos dele; os meninos perdidos; Os irmãos dele.” Então continuei: “- Eles foram visitar seus amigos, João, Wendy e Miguel. Foi uma longa viagem e chegando à casa de seus amigos, Peter Pan os convidou para irem conhecer a Terra do Nunca. Todos aceitaram e a fada Sininho jogou pó de pirlimpimpim e eles conseguiram voar.” Eu observava seus olhares atentos a cada palavra contada, como se sua imaginação fosse acompanhando cada detalhe.

Podemos perceber que cada vez mais as crianças vão se envolvendo na história contada, dando assim, sua opinião. Vigotski (2009, p. 36) ressalta que a

criança “vê, e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação.” Ou seja, participando, dando sua opinião na história, ela acumula material com base, no que futuramente, será construída sua fantasia.

Continuei a história: “- *Chegando à Terra do Nunca sobrevoaram o navio do Capitão Gancho. E sabe o que ele fez?*” “- *Não! O que?*” Continuei: “- *Tentou pegar Wendy, mas Peter Pan conseguiu segurá-la. E eles continuaram sobrevoando a Terra do Nunca conheceram a aldeia dos índios e a [...]*”, mostrava a imagem do livro e eles respondiam: “- *Princesa Tigrinha!*” Continuava a história instigando-os: “- *E também os meninos [...]*” “- *Perdidos.*” Cada página do livro que eu passava, e cena contada, percebia que estavam atentos e curiosos para saber o que iria acontecer e isso me deixou feliz. Então continuei: “- *Um dia o Capitão Gancho capturou a Princesa Tigrinha, pois queria descobrir todos os segredos da aldeia, mas Peter Pan conseguiu salvá-la. Mas capitão gancho não se conformou e capturou os meninos [...]*” “- *Perdidos.*” Continuei: “- *Isso mesmo, e os levou para o seu navio, para jogá-los para o crocodilo Tic Tac.*” Lancei algumas perguntas: “- *O que será que aconteceu com os meninos perdidos? Será que o Capitão Gancho conseguiu jogá-los para o crocodilo?*” Todos responderam: “- *Não!*” Continuei instigando-os: “- *E quem será que foi salvá-los?*” Alguns arriscaram: “- *Peter Pan!*” E continuei a história: “- *Isso, Peter Pan e seus amigos foram salvá-los, entraram no navio, lutaram com os Piratas e conseguiram salvar os meninos Perdidos. Peter Pan Jogou Gancho no mar e sabe o que aconteceu?*” Gregory respondeu: “- *Foi mordido pelo Jacaré!*” Conclui: “- *Isso, mas o Capitão Gancho conseguiu fugir com sua tripulação. Peter Pan, e seus amigos, foram comemorar, por salvar os meninos perdidos e todos ficaram muito felizes. Wendy estava com saudades de seus pais e queria voltar para sua casa. Foi falar com Peter Pan, ele insistiu pra ficarem na Terra do Nunca, só que Wendy estava decidida. Então Peter levou Wendy e seus irmãos Miguel e João, de volta à sua casa. Wendy pediu que Peter ficasse com eles. O que Peter fez?*” Algumas respostas: “- *Ficou! Não ficou!*” Fiz outra pergunta: “- *Porque ele não quis ficar?*” Apolo respondeu: “- *Por que ele queria ser criança!*” Dominique também respondeu: “- *A Sininho iria ficar sozinha.*” Continuei: “- *Muito bem, ele não ficou por que queria ser sempre criança e assim viver com seus amigos para sempre na Terra do Nunca.*”

Ao longo da história como já conheciam os personagens, fui os deixando responderem por si próprios cada página que eu mostrava (Figura 4). E também o

que iria acontecer, como quando perguntei se os meninos perdidos iriam ser jogados ao mar. Prontamente todos responderam que não, pois já estavam cientes que Peter Pan iria ajudá-los. Uma vez que perguntei quem iria salvá-los, todos de imediato responderam: “- *Peter Pan!*”

Rocha (2008, p. 49) nos diz que “ouvir a criança exige a construção de estratégias de troca, de interação.” Portanto é necessário ouvir e deixar a criança falar sua opinião, desta forma vão construindo sua cultura, suas fantasias e sua imaginação.

Concluindo, perguntei se gostaram da história e todos responderam que sim. Instiguei-os com outra pergunta: “- *E de quais personagens gostaram mais?*” Algumas respostas surgiram: “- *Peter Pan; Sininho; Os meninos perdidos.*” Continuei com outra pergunta: “- *Vocês querem conhecer a Terra do Nunca?*” Todos “- *Sim!*” Prossegui o diálogo: “- *Eu tenho uma amiga ela se chama Violeta, ela viaja para vários mundos e conhece a Terra do Nunca. Vocês querem conhecer Violeta?*” E todos responderam: “- *Sim!*” “- *Vou tentar falar com Violeta e ver se ela pode vir.*” Todos começaram a fazer várias perguntas: Rafael: “- *Nós vamos hoje?*” Jeferson: “- *Mas vou ter que falar com minha mãe para ela deixar.*” Dominique: “- *Minha mãe deixa e ela me deixa dormir na sua casa.*” Todos juntos começaram a falar: “- *A minha também, a minha também.*” Então ressaltai: “- *Vou ali falar com Violeta e já volto, mas vocês tem que ficar comportadinhos com a professora Nazarita.*”

Enquanto fui me caracterizar da personagem Violeta, a estagiária<sup>3</sup> que pedi para me ajudar com a filmagem ficou registrando o que eles ficavam conversando. E surgiram algumas interrogações:

- “- *Tenho que falar com minha mãe para ela deixar*”;
- “*Eu tenho que falar com minha avó*”;
- “*Eu não quero ir, estou com medo*”;
- “*Tem jacaré?*”
- “*Estou com medo de o jacaré me engolir.*”

Percebi nesse primeiro contato com as crianças, como se entregam à história, com suas dúvidas e seus medos, mas a curiosidade delas fala mais alto do que tudo. Elas se envolvem em cada detalhe, ficam atentas e curiosas para saberem

---

<sup>3</sup> Viviane da Silva.



o que vem depois. Isso comprova o que Girardello (2007) fala no capítulo 2, na página 17, que a criança acompanhar a história para ver o que vem depois, aproximando-os assim da imaginação. Ressalto ainda que a contação de história é um grande estímulo para imaginação da criança. Dessa forma construir um espaço para ouvir as crianças, e por meio dele construir uma oficina de contação de histórias, foi de extrema importância nessa minha pesquisa, visto que as crianças se entregaram espontaneamente. Segundo Honorato (2008, p. 07):

A importância dos espaços de narrativa para a pesquisa se dá por ser um espaço de troca entre os sujeitos e o pesquisador. Na verdade, eles se constituem como uma forma diferenciada de ouvir o que, num momento de entrevista estruturada, não é dito.

Portanto, minha intenção nessa ação foi de deixar a criança se envolver com a história. O fato de o livro só possuir imagens foi intencional, pois de certa forma queria ouvir as crianças na sua participação. Uma vez que quando a criança participa da história, a entrega é maior, o que vejo como mais significativo.

Figura 4 - Imagens das crianças interagindo com a história.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

### 5.3 SURGE UM PERSONAGEM

A ideia de criar um personagem surgiu no decorrer da elaboração do projeto de pesquisa. Desde o princípio estive certa de que queria pesquisar sobre esse universo imaginário da criança, pois é algo que sempre me instiga e me inquieta. Violeta, minha personagem fictícia, surge das experiências, lembranças e desejos de meu tempo de criança. Posso dizer que Violeta é tudo que minha imaginação na infância queria ser. Curiosa, atrevida, uma borboleta e com asas. Sempre gostei das borboletas, ficava olhando para elas e as achando lindas, elegantes e extraordinárias, perguntava para minha mãe se elas eram fadas. Pois eram pequeninas, brilhantes e tinham uma delicadeza ao voar. Penso que Violeta é também parte de minha pesquisa, pois além de trazer consigo um grande laço da minha infância, ela também vai construir um laço para o meu futuro.

Como todo personagem tem uma história, peço licença, meus caros leitores, para apresentar-lhes a história de Violeta:

#### **Violeta**

*“Márcia Aparecida Cardoso Réus”*

*“Um lugar mágico onde tudo pode acontecer. Existem árvores e flores de todas as cores. Habitam seres incríveis, criaturas extraordinárias. Esse lugar é conhecido como a Floresta Encantada.*

*Um dia o arco íris conversando com o sol, resolveu criar um ‘SER’ para dar mais alegria para esse lugar. Com um toque de mágica das fadas, e um toque dos raios do sol, surgiu do interior do Arco Iris, uma linda borboleta, a quem deram o nome de Violeta. Seu principal poder é entrar nos pensamentos das pessoas, mas somente daqueles que se deixam levar pela imaginação.*

*Violeta é muito curiosa, gosta de saber tudo e o porquê de tudo. Ela é apaixonada pelas cores, pela música, pela dança e principalmente pelo que passa nos pensamentos das pessoas. Por ser muito curiosa, quer descobrir mais, e mais coisas, querendo estar sempre bem atualizada. Mas sabia ela, que na Floresta Encantada ela não iria ter todas as informações necessárias. Precisava de um lugar em que poderia buscar tudo isso.*

*Resolveu falar com o Sr Sol, as dindas Fadas e o seu pai Arco Iris. Disse que queria conhecer outro mundo, onde ela pudesse responder seus porquês. Então o Sr Sol falou de um lugar em que ela poderia ter todas essas respostas. Mas só que ela teria que ter paciência, pois lá as pessoas eram muito ocupadas, e que a tecnologia era bem avançada. Mas existiam nesse lugar, seres adoráveis, pelos quais Violeta iria se apaixonar.*

*Violeta ficou muito curiosa e louca para conhecer esse mundo. Antes do Sr Sol abrir o portal para violeta se teletransportar, ele lhe deu algumas recomendações. Disse que também estaria nesse lugar, mas ela só poderia falar com ele por pensamentos, pois lá ele era visto só para iluminar, e às vezes as pessoas mal o olhavam. E que quando ela precisasse e se sentisse sozinha era só fechar bem os olhos e escutar seu coração.*

*Violeta não aguentava mais de ansiedade, as dindas fadas deram um toque no seu visual. Mas as asas não poderiam ser tiradas, senão Violeta ficaria naquele mundo para sempre. Violeta despediu-se de todos, pegou sua mochila e se direcionou para o portal mágico. Antes de atravessá-lo, perguntou o nome desse lugar. E o Sr Sol Respondeu: - O Mundo Real. E assim violeta seguiu para o mundo real, com sua bagagem vazia, mas prometendo voltar com ela recheada de novidades.*

*Quando chegou ao seu destino, encontrou, um lugar cheio de prédios, carros circulando de um lado para outro e pessoas muito apressadas. Ninguém dava-lhe atenção, achavam que era louca com aquelas asas. Então ela se perguntou: - quem vai me aceitar como sou? E como vou responder meus porquês? Sentou-se em uma calçada e ficou triste.*

*De repente escutou uns risos gostosos, e resolveu seguir esses sons. Deparou-se com um lugar grande e fechado, e viu seres pequenos e felizes que corriam de um lado para o outro, pareciam não ter preocupação alguma. Foi então que ela se deparou com uma mulher de cabelo amarrado e óculos grandes, olhando seriamente para ela. Era na verdade a diretora de escola, que a indagou, perguntando: - É você que veio fazer contação de histórias para as crianças? Violeta com medo, só balançou a cabeça respondendo que sim. E a diretora falou: - Estás atrasada. E a encaminhou até a sala em que ela teria que trabalhar. Chegando à sala as crianças ficaram encantadas com ela. Violeta se apaixonou por*

*todas e pensou: - Devem ser esses seres que o Sr Sol havia insinuado. Fechou os olhos e ouviu o seu coração, que dizia assim: - são elas mesmo Violeta.*

*Violeta descobriu várias coisas, de onde surgiram as cores, que a dança, a música e as artes visuais são linguagens de uma disciplina maravilhosa chamada Artes. E que, quase todas as crianças adoravam essa disciplina. Violeta descobriu outro mundo, que era quase idêntico ao que ela morava com os seus amigos, esse mundo era o universo imaginário das crianças. Que era recheado de magia, fantasia e aventuras.*

*Violeta viu que já tinha todas as respostas para seus porquês, e sua bagagem estava transbordando de informações e novidades. Não via a hora de voltar para a Floresta Encantada e compartilhar tudo o que tinha vivenciado. Foi onde fechou seus olhos e falou com o Sr Sol, que já podia transportá-la. Num passe de mágica, Violeta já estava na Floresta Encantada. Foi recepcionada com uma grande festa, ela abriu sua mochila e compartilhou tudo que havia aprendido. E ressaltou a todos, que surgindo outros porquês, ela queria viajar e conhecer outros mundos. Todos riram, por que sabiam que em breve isso iria acontecer, pois Violeta é muito curiosa.”*

Figura 5 - Imagem da personagem Violeta.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 6 - Imagem da personagem Violeta.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

### 5.3.1 Segundo momento: um passeio na Terra do Nunca pela imaginação

No segundo momento Violeta aparece (Figura 7). Quando ela chega na sala as crianças vibram. Rafael ficou desconfiado, achando que a personagem fictícia e eu éramos uma só. Já as outras crianças se entregaram.

Aproximo-me das crianças e dou um saudoso boa tarde, que todos respondem animados. Sento-me junto à roda no chão e começo a me apresentar.

*“- Como a Márcia já havia dito, eu sou a Violeta e [...]”*

Sou interrompida por Rafael que diz: *“- Não é não é a Márcia.”*

Então eu falo: *“- Rafael usa o seu faz-de-conta, aquele que faz quando brinca com seus carrinhos, sua moto.”*

Então ele responde animado: *“- Eu posso levar meu carrinho?”*

*“- Pode sim Rafael, e você pode levá-lo para mostrar ao Peter Pan.”*

Aos poucos ele foi se entregando ao faz-de-conta juntamente com as outras crianças.

Figura 7 – Imagem de Violeta chegando.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Continuando meu diálogo perguntei:

*“Vocês sabem o que vim fazer aqui?”*

*“- Não sei.”*

*“- Veio levar pra passear!”*

*“- Para ir à Terra do Nunca!”*

*“- Conhecer Peter Pan!”*

*“- Muito bem, vim buscá-los para conhecermos a Terra do Nunca, mas esse passeio é pela imaginação. Alguém quer ir comigo?”*

*“- Eu! Eu!”*

*“- Mas antes de irmos, quero ver se vocês conhecem todos os personagens que moram na Terra do Nunca. Sei que a Márcia apresentou a vocês quando contou a história de Peter Pan e seus amigos.”*

Mostrando os personagens, fui perguntando quem era cada um e todos responderam corretamente. Em seguida perguntei:

*“- Estão preparados para o passeio?”*

*“- Sim!”*

Junto com as crianças em círculo<sup>4</sup> convidei-os a fazerem um passeio até a Terra do Nunca. Mas só que é um passeio diferente, pois usaremos a imaginação.

Expliquei que eles não poderiam sair do lugar, e que os movimentos que fizessem é que contariam a história.

*“- Prontos para o passeio?”*

*“- Sim!”*

*“- Caminhando.”*

Dessa forma batíamos com as mãos nas coxas como se estivéssemos andando bem devagar ou bem rápido.

*“- Olha lá um portal!”*

Colocávamos a mão na testa como se avistássemos algo.

*“- Vamos entrar?”*

*“- Sim!”*

*“- Xiii! Por cima não dá, por baixo não dá, mas tem que passar!”*

Fazíamos movimentos com as mãos para cima e para baixo (Figura 8).

*“- Que lindo!”*

*“- Quanta Luz colorida, vocês estão vendo?”*

Alguns Respondiam: *“- Sim!”*

Outros já respondiam que: *“- Não!”*

*“- Olha lá a Terra do Nunca.”*

*“- Vamos entrar?”*

*“- Sim!”*

*“- Xiii! Por cima não dá, por baixo não dá, mas tem que passar!”*

*“- Como ela é linda! Quantas fadas, duendes e borboletas coloridas.”*

As crianças ficavam olhando como se estivessem vendo todos esses seres extraordinários.

*“- Vamos dar tchau a eles.”*

E todos respondiam: *“- Tchau!”*

*“- Olha lá uma estrada de folhas!”*

*“- Vamos atravessar?”*

*“- Sim!”*

---

<sup>4</sup> Adaptação de atividade criada por Ivanise Meyer com o texto Aventura na Caverna. Consultado no site: <<http://baudeideiasdaivanise.blogspot.com.br/2008/05/jogo-de-imaginao.html>>. Acesso em: 15-08-2014.

*“- Xiii! Por cima não dá, por baixo não dá, mas tem que passar! “*

*“- Caminhando pessoal.”*

Essa é a parte que eles mais gostavam, os sons que emitiam com as mãos batendo nas coxas, pareciam galopes de cavalos correndo. E assim eu ia dando sequência ao passeio e íamos conhecendo a Terra do Nunca. Passamos por uma ponte velha em que todos com muito cuidado faziam sons mais lentos com as mãos, para a ponte não cair. Conhecemos os meninos perdidos e sua casa, em que as crianças prontamente cumprimentavam dando tchau.

Figura 8 - Imagem de Violeta No faz de conta com as crianças.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Continuamos o passeio. Todos estavam curiosos para conhecer Peter Pan. Ao longo do passeio imaginário encontramos um rio, no qual atravessamos nadando, e todos faziam movimentos com os braços como se estivéssemos nadando. Após a travessia do rio, chegamos à aldeia dos índios, onde conhecemos a princesa Tigrinha. Todos a cumprimentaram dando tchau. Continuando o passeio avistamos uma montanha, e quem encontramos [...] isso mesmo, Peter Pan voando com seus amigos. Todos juntos falaram: *“- Tchau Peter Pan, prazer em conhecê-lo.”* Continuando o passeio, chegamos a uma caverna, e todos deram as mãos pois dentro da caverna era muito escuro. Esse momento para mim foi mágico, pois vi que as crianças estavam bem envolvidas no faz de conta. Foi quando Maria Isabel disse: *“- Nossa está muito escuro eu não vejo nada.”* Então falei: *“- Segura bem forte a mão do seu amiguinho do lado que estamos chegando na saída.”*



O momento da caverna, em que Maria Isabel, relata que não conseguia ver por que estava escuro, mostra como ela estava envolvida no faz de conta, no que comprova o que Egan (2007) diz no capítulo 3, p. 20, que, quando imaginamos algo, sentimos como se isso fosse real e presente. Dessa forma Maria Isabel deixou sua imaginação falar mais alto, no que pra ela foi mais fácil, pois estava envolvida com a história.

Chegando ao final da caverna avistamos um grandioso mar, e nele estava o navio do capitão Gancho. Mas resolvemos voltar, em razão de que o capitão Gancho e seus piratas poderiam nos pegar. Portanto, voltamos pelo mesmo caminho que percorremos, íamos mais rápidos e na medida em que encontrávamos os seres que moravam na Terra do Nunca íamos nos despedindo de todos com um saudoso tchau. Finalmente chegamos ao portal e em poucos segundos estávamos de volta a sala. Todos deram um suspiro como que estivessem relaxando da longa viagem até a Terra do Nunca.

Perguntei: “- *Gostaram do passeio?*”

Todos responderam: “- *Sim!*”

“- *O que vocês viram lá?*”

Todos respondem de uma só vez:

“- *Peter Pan!*”

“- *Sininho!*”

“- *Muitas árvores.*”

“- *O navio.*”

Para escutar todos, perguntei quem queria ir ao centro da roda e falar o que viu (Figura 9).

Dominique foi à primeira:

“- *Vi a sininho, o Peter Pan e o navio do pirata.*”

Gregory também quis contar o que viu:

“- *Eu vi o Peter Pan, seus amigos e o jacaré.*”

Rafael também quis contar o que viu, apesar de não acreditar muito no começo, depois entrou no faz de conta como todas as outras crianças.

“- *Eu vi o Peter Pan e seus amigos, a fada Sininho, a fada dos dentes, a princesa dos índios. Vi o capitão ser mordido pelo crocodilo. O Peter Pan foi salvar a princesa.*”

Maria Isabel, também quis contar o que viu na Terra do Nunca.

“- *Peter Pan voava e tinha a Sininho e o navio.*”

As outras crianças se sentiram intimidadas e não foram falar, escutavam os seus colegas contarem as histórias, algumas ajudavam com algumas palavras, ou alguns momentos da história. Deixei-as livres para quem quisesse contar o que viu, para que assim não se sentissem pressionadas.

Figura 9 - Imagem das crianças contando o que viram no passeio pela imaginação.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Percebemos aqui, que Dominique, Gregory, Rafael e Maria Isabel, se envolveram na história, e viram mais coisas do que foram contadas, no caso de Rafael que disse ter visto a fada dos dentes. Cohn (2005, p. 28) fala que a criança “interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.” Portanto quando a criança participa do faz de conta, ela imagina tudo o que está agregado em sua cultura, ou seja, o que ela já conhece.

Após contarem um pouco da vivência na Terra do Nunca, agradei as crianças falando que havia adorado o passeio com eles e de ter apresentado Peter Pan e seus amigos. E que já estava na hora de ir embora, pois tinha que visitar outras crianças (Figura 10). Todos queriam que Violeta ficasse, mas depois entenderam.

Foi uma experiência incrível, todas as crianças se entregaram ao faz de conta, com exceção de Rafael que no começo ficou um pouco desconfiado. Rafael me faz lembrar o personagem Peter do filme *Em Busca da Terra do Nunca*, onde o personagem de Barrie em suas histórias de faz de conta, juntamente com os irmãos de Peter viviam muitas aventuras, mas Peter era o único que não se deixava levar pela imaginação. Vejo um pouco de Peter em Rafael, ele precisou ser conquistado para poder acreditar e se entregar à história.

Por meio dessa experiência, percebi o quanto é importante o estímulo a imaginação da criança, pois possibilita a pensarem, a fantasiar e ampliar seu repertório cultural. É de extrema importância o professor escutar mais a criança e participar desse mundo de fantasia, uma vez que a criança sempre vai ter o que falar e o que perguntar. Isso leva analisar o que Manhães ressaltou no capítulo 4, p. 29, alegando o quanto é importante o professor contribuir com a ampliação dos repertórios da criança. Dessa forma um dos meios é o espaço de narrativa na escola, pois abre vários caminhos para criança se expressar. Tendo em vista que a arte tem esse grande espaço, pois ela abrange diferentes linguagens que são significativas para a criança, o educando. Manhães (2012, p. 210) contribui ainda que:

A arte é uma dentre as muitas formas de expressão do ser humano [...] Enquanto criação, como conhecimento ela deve ser entendida como linguagem essencial a formação infantil, como um repertório de conhecimentos construídos culturalmente e ao que a criança pode e deve ter acesso.

Dessa forma, é considerável o papel da arte dentro da escola, e na vida escolar da educação infantil, tendo em vista ao que Manhães fala da arte ser essencial a formação infantil. Uma vez que possibilita a criança se expressar, por meio de suas linguagens e também a ampliação do repertório estético e artístico da criança.

Figura 10 - Imagem de Violeta antes de ir embora.<sup>5</sup>



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

<sup>5</sup> Na imagem aparecem algumas crianças com o rosto de Peter Pan e da Sininho, por motivo de não ter pego as autorizações do pais dessas crianças.

#### 5.4 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS ENQUANTO DESENHAM

Nesse terceiro momento, apareci como personagem real, as crianças começaram a perguntar:

*“- Cadê a Violeta?”*

*“- Ela foi embora numa mágica?”*

*“- Por que ela não veio junto?”*

Comecei a falar que Violeta ficou muito feliz em vir visitá-los, mas ela não pode voltar, pois tinha outras crianças para visitar e que ela gostaria de ganhar um desenho de todos. Então sugeri que desenhassem o que viram na terra do nunca, e eu levaria de presente para Violeta. Todos ficaram empolgados e surgiram várias perguntas e sugestões:

*“- Posso fazer uma borboleta pra ela?”*

*“- Eu vou fazer a sininho com estrelinhas.”*

*“- Vou fazer Peter Pan com pelo na perna.”*

*“- Vou fazer uma árvore, pode?”*

*“- Vou fazer o jacaré engolindo um negócio.”*

*“- Eu sei fazer uma árvore com folhas.”*

*“- Não sei o que desenhar.”*

*“- Vou fazer uma borboletinha.”*

Achei que seria bom observá-los enquanto estão desenhando, (Figura 11) é nesse momento que as crianças criam e soltam todas suas fantasias e imaginação. Dessa forma, observei o que falavam enquanto desenhavam e cada movimento do lápis. Surgiram muitas dúvidas, no que desenhar e como desenhar determinado objeto:

*“- Não sei desenhar a Sininho.”*

*“- Não sei desenhar Peter Pan.”*

*“- Como se desenha uma borboletinha?”*

*“- Tinha tigre na terra do nunca?”*

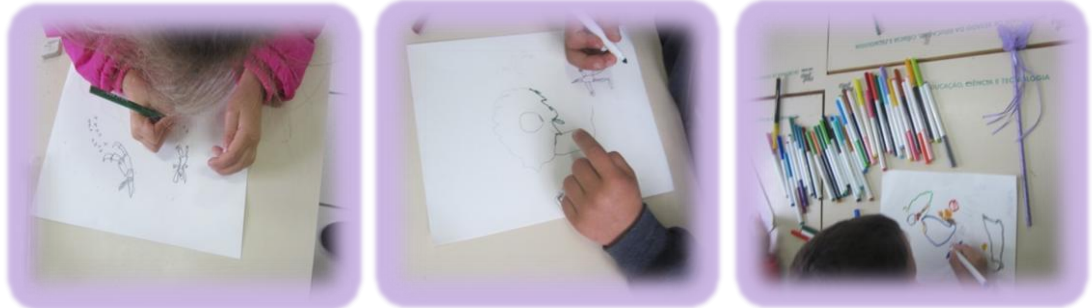
*“- Posso pintar tudo ou é só pra passar por cima?”*

*“- A sininho tinha uma peninha no cabelo?”*

“- O Peter Pan tem asa?”

- A sininho tinha um monte de estrelinha, eu vi no filme.

Figura 11 – Imagem das crianças desenhado.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Percebi algumas dificuldades das crianças em criar um desenho feito por elas mesmas. Contudo tinha muita criatividade e imaginação no que elas queriam expressar. Vigotski (2009, p. 107) nos diz que “a criança desenha de memória e não de observação.” Abaixo segue alguns desenhos que elas criaram após a experiência do passeio pela imaginação na Terra do Nunca. O primeiro desenho é o de Dominique:

Figura 12 - Imagem do desenho feito por Dominique.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

*“- Desenhei um navio pirata, que o Peter Pan está lutando com o Capitão Gancho e os piratas estão pegando a Sininho. A Sininho tem estrelinhas por tudo.”*

Cada traço que Dominique desenhava me chamava para me mostrar empolgada, como querendo falar tudo o que tinha visto. Vigotski (2009, p. 106) fala que a criança “desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa.” Dessa forma, pude perceber que Dominique em seu desenho representou o que já conhecia da história do Peter Pan, visto que ela já havia assistido ao filme. Portanto, para ela foi mais fácil de representar os personagens, em razão de que já os conheciam. Em seu desenho podemos ver várias estrelinhas amarelas, em que ela relata que é a magia da fada Sininho, personagem por qual mais se identificou na história.

O próximo desenho é o de Rafael:

Figura 13 - Imagem do desenho feito Rafael.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

*“- Desenhei a árvore do menino perdido e o Peter Pan com uma perna de pelo.”*

Enquanto Rafael estava em seu processo de criação, perguntou-me se poderia desenhar Peter Pan com pernas de pelos. Falei que ele poderia desenhar o

que na imaginação dele cabia. Perguntei então por que ele queria colocar pelos na perna de Peter Pan, e ele respondeu: “- *Para ficar mais forte.*”

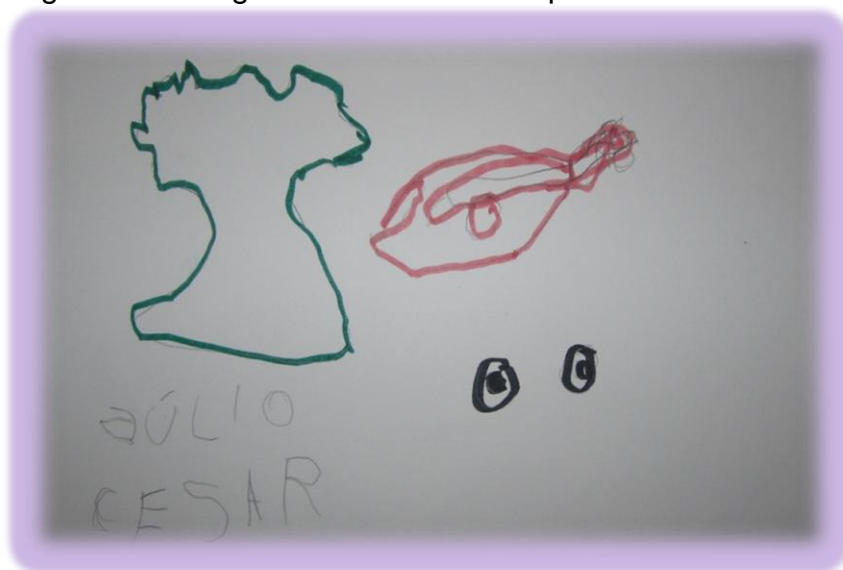
Egan (2007, p. 19) nos fala que:

A nossa mente não é um simples depósito de informações, mas centro de constante atividade, no que emoções, intenções e lembranças se misturam com o que foi recentemente aprendido, revestindo tal conteúdo de significado.

Talvez para Rafael, em sua memória um ser que possua pelos representa algo forte, como urso, leão. Com a mistura de suas lembranças com as emoções, sua intenção foi de deixar Peter Pan mais forte, no que para Rafael foi o personagem que mais se identificou.

Agora o desenho de Júlio Cesar:

Figura 14 - Imagem do desenho feito por Julio Cesar.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

“- *Desenhei o jacaré engolindo a árvore.*”

Julio Cesar foi o que se mostrou com medo do ‘jacaré’ (crocodilo), quando começamos o passeio ele falava o tempo todo que tinha medo do jacaré. Dessa forma ele expressou em seu desenho o próprio animal engolindo uma árvore. Perguntei então o porquê dos dois olhos ele me respondeu: “- *Ele está sempre de olho.*” Egan (2007, p. 18) fala que “a forma como aprendemos, se aprendemos e

retemos essas informações, será afetada pelo complexo de estruturas de significados, que por sua vez serão afetadas por nossas emoções, intenções etc.” Portanto, na história de Peter Pan, o crocodilo foi o personagem que Julio Cesar teve certo receio, tendo em vista que ao longo da oficina ele sempre estava presente na memória de Julio, que por sua vez expressou em seu desenho.

Podemos analisar que algumas crianças desenharam o que gostam ou que se identificaram na história, já outras como Julio Cesar, expressaram seus medos e suas frustrações.

Próximo desenho é o que Gregori fez:

Figura 15 - Imagem do desenho feito por Gregori.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

*“- Desenhei Peter Pan, uma borboleta, uma árvore, desenhei um grilo.”*

Gregori desenhou alguns personagens que foi ressaltado na história e no passeio pela imaginação. Portanto ele desenhou outro que não foi mencionado na história: O grilo. Posso dizer que o grilo foi algo que ficou na memória dele. Antes de dar sequência a oficina, estava esperando no pátio, todas as crianças chegarem. No pátio da escola se encontra um grande jardim com flores e nele estava um grilo, em que as crianças apelidaram como o grilo falante. Gregori ficou tão fascinado por



esse grilo, que também quis que ele participasse da história e do seu desenho. Para Vigotski (2009, p. 112) “isso demonstra com toda segurança que a diferença na representação não é condicionada ao conteúdo e ao caráter do tema do desenho, mas está relacionada á evolução por que passa a criança.” Ou seja, talvez para Gregori foi mais significativo o grilo falante, do que os outros personagens da história contada. Isso, a meu ver, aponta para a necessidade de os professores estarem atentos a cada detalhe, a cada palavra falada e traço desenhado, para que assim possam manter uma relação mais próxima e possam compreender o que querem dizer as crianças, seus alunos.

Abaixo apresento o desenho de Jeferson:

Figura 16 - Imagem do desenho feito por Jeferson.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

*“- Desenhei Peter Pan e a sininho com sua magia.”*

Pude perceber que Jeferson tem uma grande dificuldade pra desenhar, e para se expressar. Ficou um bom tempo com o lápis nas mãos e com a folha em branco. Então sentei ao seu lado e comecei instigá-lo perguntando:

*“- O que você viu na história e no passeio que foi feito.”*

Ele responde baixinho: *“- Vi Peter Pan e a Sininho.”*

Então ressalttei: *“- Você pode tentar desenhá-los!”*

Ele respondeu novamente baixinho: *“- Mas não sei desenhar.”*

Então respondi: “- *Desenhe do jeito que você sabe, tenho certeza que vai ficar lindo.*”

Então ele começou a desenhar e me chamava para ver como estava ficando. Acredito que o professor é um mediador de extrema importância para o aluno, dessa forma é preciso sempre estar atento a esses pequenos detalhes, como nas dificuldades por que o aluno passa em questão de aprendizado. Muitas vezes o medo de se expressar, é pelo fato do que os colegas vão pensar ou por receio que esteja errado. Dessa forma é no ensino infantil que as crianças começam a conhecer e enfrentar seus medos. A arte é uma ótima condutora pra enfrentá-los, uma vez que por meio de suas linguagens, a criança pode expressar o que está sentido. Dessa forma Lavelberg (2003, p.12) nos diz que “é necessário que o professor seja um estudante fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender.” Dessa forma, o professor tem que gostar do que faz e do que está ensinando, uma vez que, se é feito com amor, isso é transmitido para as pessoas que o rodeia.

Esta é a imagem do desenho de Maria Isabel:

Figura 17 - Imagem do desenho feito Maria Isabel.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

*“- Desenhei a casinha do menino perdido, uma florzinha, uma árvore, a Sininho, desenhei Wendy caindo no mar.”*

Maria Isabel foi a que mais representou em seus desenhos, personagens e elementos que faziam parte da Terra do Nunca. Como querendo representar todos em sua produção artística. Vigotski (2009, p. 109) fala que “enquanto desenha a criança pensa no objeto que está representando, como se estivesse falando dele”.

Talvez Maria Isabel, queira representar em sua produção, o quanto cada um significou. Podemos analisar que ela ainda não tem uma boa conduta de percepção, tendo em vista que representou os elementos voando e alguns espelhados. Mas com significado e expressão do que tinha visto e sentido.

Por meio dessa experiência, em ouvir as crianças falarem enquanto desenhavam, e se expressavam, percebi algumas dificuldades em criar algo, talvez por estarem acostumadas a pintarem o que está pronto, ou por medo de se expressar. Portanto cabe ao professor estimulá-las, contribuindo assim, na ampliação do repertório estético e artístico da criança.

Na sequência dessa pesquisa e em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Artes Visuais (MEC/CNE/CES – Resolução nº 1, de 16 de janeiro de 2009) apresento abaixo o projeto de curso a ser ministrado sobre o tema desse trabalho de conclusão de curso, que é: Arte, Infância e Imaginação.

## 5.5 PROPOSTA DE CURSO

A proposta de curso que apresento busca proporcionar aos professores experiências estéticas com a arte visual, o teatro e a narrativa de histórias, para que assim possam estimular sua imaginação e contribuir em sala de aula com seus alunos.

### 5.5.1 Título

Os professores e a imaginação: Por que só os alegres, inocentes e desalmados sabem voar?

### 5.5.2 Público-alvo

Professores de Artes e professores que lecionam na Educação Infantil.

### 5.5.3 Justificativa

Quando crianças, criamos, recriamos, imaginamos e passamos alguns momentos no nosso mundo de faz-de-conta, tudo que tocamos num passe de mágica vira um castelo, uma espada ou um ser imaginário. Tudo é tão mágico, tão natural, que parece real e quando crescemos essa magia que a criança carrega cresce conosco. A infância me faz lembrar muito de Wendy, personagem do escritor J.M Barrie, uma menina que viveu uma das melhores aventuras na infância. Wendy era sonhadora e meiga, e junto de Peter Pan, João, Miguel, os meninos perdidos, índios, piratas, fadas, sereias, crocodilos, viveu momentos incríveis na Terra do Nunca. Lugar esse que cada um via de um jeito deferente. Um dia Wendy cresceu como toda criança cresce, talvez por que ela quis que isso acontecesse diferente de Peter que quis ser criança para sempre.

Como estava falando, Wendy cresceu, casou e teve uma linda filha chamada Jane. Mesmo adulta jamais se esqueceu de sua aventura na infância, junto daquele menino, teimoso, esquecido e um pouco atrevido, que prometera sempre vir buscá-la na primavera para fazer a faxina em sua casinha bagunçada. Mas os anos se passaram, e ele não veio mais, e isso a deixou triste, será que é porque ela não sabia mais voar, ou por que não era mais alegre, inocente e desalmada. Em uma conversa com sua filha no quarto, embaixo de uma cabana de lençol, Jane diz a Wendy:

- O que você está vendo agora?- Acho que não estou vendo nada essa noite. - Está vendo, sim, você está vendo sua época de criança. - Isso foi há muito tempo meu amor. Ah, como o tempo voa! - Ele voa que nem você voou quando era criança? - Que Nem eu voei? Sabe, Jane, às vezes eu me pergunto se voei mesmo. - Voou, sim. - Ah, que época boa, quando eu sabia voar! - E por que você não sabe mais voar, mamãe? - Por que eu cresci, meu amor. Quando as pessoas crescem, elas não lembram mais como se voa. - Por que a gente não lembra mais? - Por que não somos mais alegres, inocentes, e desalmadas. Só quem é alegre, inocente e desalmado consegue voar (BARRIE, 2012, p. 2014).

Essa conversa de Wendy com sua filha Jane me remeteu a pensar muito na infância, das brincadeiras, da magia, fantasia de toda imaginação e faz-de-conta que a envolve. Enquanto adultos como buscamos por lembranças desses momentos. Por meio dessa história tão linda de Peter Pan e por toda a pesquisa que foi feita nesse trabalho de conclusão de curso, pensei em uma proposta de curso, que fosse significativa para os professores e que dialogasse com meu trabalho de conclusão de curso.

Portanto, visto que durante a pesquisa percebi como as crianças se envolvem com propostas que promovem o estímulo à imaginação e pensando que o professor é uma figura especial e importante nesse processo, proponho uma oficina para os professores. Que tem como objetivo principal proporcionar aos professores experiências estéticas com as artes visuais, o teatro e a narrativas de histórias. Para que assim possam estimular sua imaginação.

#### **5.5.4 Ementário do curso**

Arte e imaginação na formação dos professores.

#### **5.5.5 Carga horária**

20 horas.

#### **5.5.6 Objetivo geral**

Proporcionar aos professores experiências estéticas com as artes visuais, o teatro e a narrativas de histórias. Para que possam estimular sua imaginação e promover encontros imaginativos com suas crianças na escola.

#### **5.5.7 Objetivos específicos**

- Ampliar o repertório artístico-cultural dos participantes;
- Promover o reconhecimento da importância da imaginação nas aulas de arte e na educação infantil;

- Apresentar possibilidades de experimentarem-se como propositores de um planejamento que envolva a imaginação.

### 5.5.8 Metodologia

A metodologia dessa proposta consiste em quatro encontros no período da tarde aos sábados, com os professores formados ou em formação em Artes e professores que lecionam na Educação Infantil.

**Primeiro encontro (5h):** Explicarei como surgiu a proposta de curso. Por meio de um Power point, irei explicar sobre o teatro, narrativas de histórias e a imaginação. Tendo em vista o quanto a contação de histórias são importantes para estimular a imaginação da criança e quanto um personagem fictício contribui nesse mundo de fantasia.

Dialogaremos sobre as várias histórias que cercam o universo infantil. Em que cada um contará uma história e quais personagens marcaram sua infância. Após, será distribuído folhas de papel canson e cada um irá criar um personagem, e apresentá-los ao grupo.

**Segundo encontro (5h):** A próxima concepção é de criar a roupa do personagem, serão distribuídos vários materiais (tecidos, papéis crepons coloridos, colas, tesouras) e outros materiais levados pelos próprios participantes. Cada um terá que criar a roupa, peruca do seu personagem, do modo que está no papel.

**Terceiro encontro (5h):** Faremos algumas vivências de jogos teatrais para a descontração e que assim possam conciliar teoria com a prática. Após, todos caracterizados, é hora de dar vida aos personagens, atribuindo-os personalidades. Adiante, em grupos de quatro, irão usar sua imaginação e farão uma história com os quatro personagens e apresentar no próximo encontro.

**Quarto encontro (5h):** Neste último encontro os grupos irão compartilhar com os demais suas histórias, por meio de uma apresentação teatral. Após todas as apresentações, iremos debater no que esses encontros contribuíram para sua ampliação do repertório artístico-cultural.

### 5.5.9 Referências

BARRIE, J.M. **Peter Pan**. Apresentação Flávia Lins e Silva, tradução Júlia Romeu, notas Thiago Lins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

**Em Busca da Terra do Nunca**. Direção: Marc Forster. Produção: Nellie Bellflower e Richard N. Gladstein. Roteiro: David Magee. Estados Unidos (EUA) 2004. 106 min. Son, color. Formato: 35mm.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ABRA-SE O ÚLTIMO PORTAL?

- Você pode visitar a Terra do nunca quando quiser.
- Como?
- Acreditando Peter, basta acreditar.”

(Fala de Barrie com Peter no filme em Busca a Terra do Nunca).

Acreditar é a palavra certa, quando acreditamos podemos realizar sonhos, até aqueles mais escondidos em nosso coração. Percebo agora, aquela menina sonhadora, que tinha sonhos de voar e aventurar-se até onde sua imaginação permitira. Sonhos esses que nunca deixei de acreditar. Agora adulta posso dizer que meus desejos sejam outros, mas vêm com o mesmo otimismo de uma menina sonhadora.

Foi possível perceber nesta pesquisa os muitos portais descobertos pra que assim os porquês fossem respondidos. Portais esses, que revelaram como a imaginação é extremamente importante no desenvolvimento infantil e na vida da criança, contribuindo assim em suas fantasias e em seu repertório cultural. Portais que foram abrindo outros portais e fazendo surgir novas descobertas, novos meios e novos porquês. Acredito que os objetivos traçados nessa pesquisa foram alcançados e o grande ponto de interrogação foi respondido: como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil? No decorrer da pesquisa pude analisar nas observações feitas na escola, onde fiz a oficina, que a imaginação da criança vem sendo estimuladas por meio de ações elaboradas pelos professores daquela escola, como desenhos, brincadeiras lúdicas. Contudo percebi certa falta nas crianças de serem provocadas, de serem estimuladas em seu mundo imaginário. E também, dos professores participarem desse mundo de fantasia da criança. Ressalto aqui, que em momento algum desejei desmerecer o trabalho dos professores, ou de alguma forma ofendê-los profissionalmente, pois meu grande foco nessa pesquisa foram as crianças e seu universo imaginário, os quais me encantam. Tendo em vista que às vezes impomos demais o lado conteudístico, e com a rotina da escola, não percebemos que a criança deseja expor o que sente, deseja criar, fantasiar, brincar, ter momentos de ser criança.



Esta troca de experiências foi muito significativa para o processo de análise da presente pesquisa. E foi por conta dessa perspectiva de reflexão, que propus um curso que proporcione aos professores experiências estéticas com as artes visuais, o teatro e a narrativa de histórias, para que tenham possibilidades de criar oportunidades de promover encontros imaginativos com suas crianças na escola. Em razão de que a arte é condutora de imaginação para a criança. Por meio de suas linguagens, a criança, expressa, cria, recria e amplia seu repertório artístico cultural.

Tudo o que levo dessa pesquisa são as experiências, os risos, os aprendizados e muita imaginação compartilhada. Experiências que transbordaram minha bagagem, e que me direcionaram a vários olhares, a várias possibilidades de avanço, de aprimoramento. Percebi o quanto estar nesse espaço com as crianças me fez sentir bem, e com desejos e certezas de continuar nesse percurso, o de educar. Por muitos momentos pensei que não tinha condições de ser uma educadora, de ser uma compartilhadora de ensinamentos, mas posso dizer que me encontrei nesse mundo da educação e quero de agora em diante ser merecedora em tudo o que eu fizer, e não esquecendo jamais de todas as experiências que vivenciei com meus grandes mestres nesse longo trajeto que o curso me proporcionou.

Posso dizer que essa aventura no universo da criança, me fez amadurecer como pessoa e como futura educadora. Fez-me perceber o quão a imaginação tem um grande significado no desenvolvimento da criança. Mostrando também que nós professores, devemos participar sempre desse universo de fantasia com nossos alunos. A experiência de viver um personagem fictício, no caso Violeta, foi incrível, me fez aproximar um pouco mais desse universo fantástico, como se fosse a chave para abrir os portais. Portanto, finalizo essa pesquisa ressaltando a todos que a lerem, e dela compartilharem, que não deixem sua imaginação ficar presa como uma lagarta no casulo, mas a deixem livre como uma borboleta e que assim ela possa viajar e conhecer vários mundos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 61, n. 140, p. 593-594, out. 1976.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. 432 p.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard: Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BARRIE, J.M. **Peter Pan**. Apresentação Flávia Lins e Silva; tradução Júlia Romeu; notas Thiago Lins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Movimento Interfóruns de Educação Infantil. **Educação Infantil: construindo o presente**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil - DNCEI**. Brasília: MEC, 2010.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1995.
- EGAN, Kieram. Porque a imaginação é importante na educação. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir. **Infância: Imaginação e Educação em Debate**. Campinas, SP: Papiros, 2007.
- Em Busca da Terra do Nunca**. Direção: Marc Forster. Produção: Nellie Bellflower e Richard N. Gladstein. Roteiro: David Magee. Estados Unidos (EUA) 2004. 106 min. Son, color. Formato: 35mm.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F de Resende. **Metodologia do ensino de arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte: o dia-a-dia na sala de aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mak, 2007.
- GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In FRITZEN, Celdon, CABRAL, Gladir. **Infância: Imaginação e educação em debates**. Cambinas. SP. Papyrus 2007, p. 39-57.
- HONORATO, Aurélia Regina de Souza. . **As experiências com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa**. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

\_\_\_\_\_, Aurélia R. S. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KRAMER, Sônia. A Infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

MANHÕES, Sandra Terezinha Resner. A presença da arte no espaço da educação infantil: um olhar sobre o professor de Educação Infantil frente às propostas em arte. In: COUTINHO, Angela Scalabrin; DAY, Giseli; WIGGERS, Verena (Org.) **Práticas pedagógicas na educação infantil: diálogos possíveis a partir da formação profissional**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2012.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância e produção cultural**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1998.

PESSI, Deise Cristina Venson. **Janelas imaginárias: um olhar para a imaginação de crianças e adultos**. p. 81. TCC (Licenciada em Artes Visuais) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da Iniciação ao TCC uma abordagem para os cursos de tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna LTDA, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Angela Carrancho da. **Escola com arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SOUZA, Solange Jobim. Resignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

STEARNS, P. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**: livro

para professores / Lev Semionovich Vigotski, apresentação e comentários Ana Luiza Smolka, tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

**ANEXO (S)**

## ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Arte, infância e imaginação: Uma aventura no universo da criança**.

O (a) Sr (a): \_\_\_\_\_, Diretor da \_\_\_\_\_, foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na turma Pré-escolar, turma seis, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos Investigar como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Márcia Aparecida Cardoso Réus, cujo telefone: (48) 99353624 da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor (a) \_\_\_\_\_.

(Telefone: \_\_\_\_\_).

Criciúma (SC) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição

## ANEXO B - PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

**Acadêmica: Márcia Aparecida Cardoso Réus**

Sou acadêmica do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC e pretendo fazer uma pesquisa sobre o mundo imaginário da criança, em que trago como problema: “Como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação Infantil?”. Tal problema me levará a Investigar como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil. Especificando-o, Compreender teoricamente as possibilidades da imaginação no desenvolvimento infantil; Refletir sobre os possíveis estímulos (personagens, contação de histórias) para a imaginação da criança; Perceber o papel da arte no desenvolvimento da imaginação da criança na escola; E ainda, Constituir espaços de narrativa em encontros/oficinas para ouvir as crianças sobre a imaginação.

Essas possibilidades da arte na infância me impulsionam a investigar e buscar conhecer melhor o mundo imaginário da criança, esse mundo recheado de encantamento e imaginação. Acredito que ao observar e conhecer o processo imaginário da criança podemos também conhecer mais sobre nossas feridas, nossas possibilidades criativas e nosso poder de transformação, pois tudo que percebemos e sentimos quando somos crianças tem uma força determinada na nossa vida quando nos tornamos adultos.

### AUTORIZAÇÃO PARA PAIS DE ALUNOS

Eu, \_\_\_\_\_ portador do RG \_\_\_\_\_ (nº da identidade), pai mãe e/ou responsável autorizo a utilização das falas, escritas e imagens de meu filho (a) \_\_\_\_\_ aluno do \_\_\_\_\_ do Pré-escolar turma 6, como dados para a pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Márcia Aparecida Cardoso Réus acadêmico(a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo: “Investigar como a imaginação da criança vem sendo estimulada nas ações pedagógicas da educação infantil..”

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Assinatura do aluno/pai e/ou responsável

Criciúma, ..... agosto de 2014.